

RASTROS DE RESISTÊNCIA

HISTÓRIAS DE LUTA
E LIBERDADE
DO POVO NEGRO



ALE SANTOS



RASTROS DE RESISTÊNCIA

**HISTÓRIAS DE LUTA
E LIBERDADE
DO POVO NEGRO**

ALE SANTOS





Após a abolição da escravidão em 1888, o controle dos trabalhadores negros livres, como os estivadores que atuavam na região costeira, ainda era uma questão política e social que precisava ser enfrentada.



Retrato da exploração escravagista na Praça do Rocio (atual Praça Tiradentes), no Rio de Janeiro, em 1817.

Sumário

[Prefácio](#)

[Prelúdio](#)

[Introdução](#)

[O racismo científico no Brasil](#)

[O reino de Whydah na costa dos escravos](#)

[A astúcia do líder quilombola Benedito Meia-Légua](#)

[Benkos Biohó e o quilombo imbatível na Colômbia](#)

[Zacimba, a princesa guerreira que invadia navios negreiros](#)

[Tereza de Benguela e o matriarcado no Quilombo do Piolho](#)

[O trono de ouro do Império Axânti](#)

[A fúria do abolicionista conhecido como Dragão do Mar](#)

[A tragédia do pigmeu encarcerado como macaco](#)

[A realeza negra que surgiu nas minas de Ouro Preto](#)

[O genocídio promovido pelo rei Leopoldo no Congo](#)

[Vênus Negra, a hipersexualização da mulher preta](#)

[Zion, a Terra Prometida para os imperadores da Etiópia, e Bob Marley](#)

[A traição do exército rio-grandense e a chacina dos lanceiros negros](#)

[A origem da mandinga no Brasil](#)

[Inácio, o escravo que virou cantador-rei no sertão](#)

[Del Valle, a mãe da pátria argentina](#)

[A desolação do povo igbo em um suicídio nas águas](#)

[Nanny, a rainha-mãe da Jamaica](#)

[A ira e o legado de Shaka Zulu](#)

[Referências bibliográficas](#)

[Crédito das imagens](#)

[Agradecimentos](#)

[O autor](#)



Obra de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), com destaque para o colar de ferro usado para humilhar o escravo recém-capturado após tentativa de fuga.

PREFÁCIO

Alguma vez na vida você já pensou em como seria se uma maldição antiga o destituísse de seu reflexo? Imagine como seria mirar espelhos, rios, metais e olhares e não conseguir enxergar a si mesmo. Já imaginou se sua única referência a respeito do seu existir fosse uma sombra? Que embora ela o acompanhasse por todos os lugares, nunca conseguiria fazer justiça a tudo o que você realmente é e, pior, como sua única bússola, você com o tempo acreditaria que toda a sua existência se resume a uma imprecisa sombra perseguidora?

O racismo estrutural mira corpos não brancos, o cultural tem como alvo nosso imaginário. É ali onde ele tenta te derrubar antes que você suba no ringue. Num esforço conjunto, ambos tentam fazer com que a frase de René Descartes – “Penso, logo existo” – não faça sentido algum para você. Os seres humanos inventaram quem eles são graças à habilidade de moldar o imaginário de nossos iguais através de histórias. Fomos de trapaceiros sortudos que aprenderam a dominar o fogo a admiráveis cavalheiros que ocupam o topo da cadeia alimentar. Tudo invenção.

Mas se o homem é quem ele acredita ser, o que é o adubo que faz com que a sua criatividade alcance lugares tão altos? A presença do seu reflexo no mundo é um ingresso para o sonhar (e acredite, sonhos têm poder, até a ciência reconhece). Ela concede a oportunidade de buscar ser grande como seus iguais. Ale Santos, nesse sentido, é como Oxóssi no famoso conto iorubá, onde ele enfrenta o pássaro da morte e vence! Ele tinha uma única flecha (no caso de Ale, suas redes sociais), mirou e atingiu em cheio quem tenta (ainda hoje) roubar e esconder nossos reflexos na história do mundo.

Ao atingir o pássaro da morte, ele devolve o Sol ao vilarejo, devolve aos seus o direito de sonhar e se perceberem como grandiosos descendentes de reis e rainhas. Que ao pensar na famosa sentença de Descartes, se encontram com seus antepassados e organizam o futuro replicando reflexos. Como uma imensa fábrica de sonhos.

Este livro é um mapa que nos conduz por uma trilha em que os fragmentos de história nos levam a encontrar o tesouro escondido. E esse

tesouro é tudo o que nos foi usurpado pós-colonização.

Obrigado, Ale, graças a Oxalá (e para o terror de quem nos roubou).

Este é apenas o primeiro livro.

Que os orixás o acompanhem, apenas continue.

EMICIDA

A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS PARA OS POVOS AFRICANOS

Existe uma lenda do povo akan sobre uma entidade chamada Kwaku Ananse. Esse povo centenário da África Ocidental a princípio poderia parecer primitivo a olhos despreparados, mas reconhecia o valor das histórias como a maior riqueza da humanidade.

Segundo o mito, o mundo passava por uma era de tristeza, na qual as pessoas viviam entediadas e ninguém encontrava sentido nas coisas. Como percorria toda a Terra por meio de suas teias, Kwaku Ananse percebeu que a humanidade precisava de histórias para contar. Mas quem guardava todas essas histórias era Nyame, o deus dos céus.

Acreditando que a aranha nunca seria capaz de pagá-lo, Nyame cobrou um alto preço pelas histórias. E aqui há variações do mito. A maioria delas fala que Nyame pediu que Ananse lhe levasse Osebo, o leopardo de dentes terríveis; Mmboro, os marimbondos que picavam como fogo; e Moatia, a fada que nenhum homem havia visto. Há versões ainda que incluem Onini, o píton que engole homens com um único bote.



Mulheres e adolescentes trazidos da África para o Brasil por uma das faces mais cruéis de exploração do povo negro: o tráfico negreiro.

Após uma jornada cheia de artimanhas, Ananse conseguiu dissimular as criaturas para capturá-las e entregá-las a Nyame, resgatando as histórias e devolvendo a felicidade ao mundo. Essa figura mítica aparece interagindo com várias divindades africanas em contos populares da tradição oral, que se consolidou como uma parte essencial da cultura de vários povos africanos durante sua escravização. No Caribe, por exemplo, Ananse é frequentemente celebrada como um símbolo de resistência e sobrevivência, pois dava aos escravos a esperança de que poderiam contornar seu sofrimento com a ajuda de seu intelecto, elaborando fugas e estratégias de combate.

HISTÓRIAS APAGADAS

Durante os séculos de escravidão, os negros só tinham as histórias dos tempos da liberdade de seu povo para sustentar a fé na vida, a crença nos deuses e a cultura, que a todo custo tentavam apagar. Por exemplo, havia uma crença entre alguns povos africanos de que para esquecer algum fato de sua vida, você poderia dar voltas em torno de um baobá. Assim, antes de embarcar nos navios negreiros, os escravagistas obrigavam os escravos a fazer o ritual em

torno dessa árvore do esquecimento para deixarem suas vidas, histórias e cultura para trás e então serem rebatizados com nomes cristãos.

Os escravagistas, contudo, não contavam que a relação dos negros com suas histórias era muito mais enraizada do que poderiam supor. Vários povos desenvolveram um sistema de escrita e construíram bibliotecas nas quais mantinham seu conhecimento sobre o mundo. Mas para a maioria dos povos africanos, seus homens e mulheres eram a própria biblioteca, e o conhecimento era transmitido por meio da oralidade. A sociedade africana como um todo era um livro vivo, imaginado coletivamente e escrito na existência de cada um através do escutar e do contar.

Na África Ocidental, haviam os *griots* (ou *djéli*, na ortografia francesa), guardiões das tradições orais. Eles tinham uma posição de destaque e por vezes também exerciam outras funções, como as de mensageiros, arautos, conselheiros de guerra, artífices. O mais importante: eram registros vivos dos principais acontecimentos de seu povo. Todo suserano deveria estar acompanhado de um, os casamentos deviam ser celebrados por eles e, quando havia uma guerra, os *griots* não podiam ser tocados para que pudessem perpetuar a história dos vencedores.

Por formarem uma casta social, suas funções e tradições eram transmitidas de forma hereditária, sendo treinados desde pequenos por sua família. Ao longo da vida, ainda podiam escolher se viriam a ser músicos, poetas, escultores, um *griot* que registra memórias ou que celebra festas. O mais famoso *griot* foi Balla Fasséké, oferecido como conselheiro a Sundiata Keita, na fundação do Império do Mali.

Já na África Subsaariana, onde os povos também transmitiam seu conhecimento de forma oral, a preservação das tradições acontecia com o som, o tom e a performance da fala, como se cada frase dessa cultura fizesse parte de um ritual de conhecimento. Esse hábito se perpetuou em grande parte porque muitos não sabiam escrever. A escrita era um conhecimento restrito às comunidades que estavam desenvolvendo novos sistemas religiosos e, nelas, geralmente apenas os sacerdotes a utilizavam. Assim, mesmo com o desenvolvimento da escrita, a palavra falada era de extrema importância.

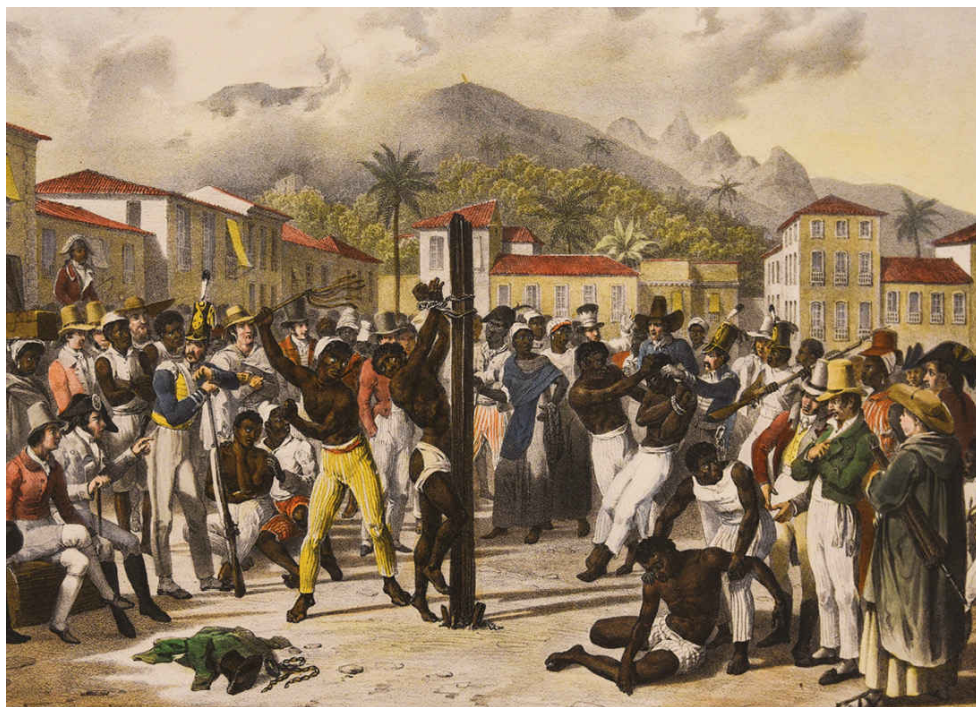
Isso não significa, contudo, que as tradições faladas eram menos poderosas. Pelo contrário: as características desses discursos africanos impactam até hoje uma parcela importante da cultura global, sendo a base desde sermões religiosos a produções musicais ou teatrais pelo mundo.

Os mitos de povos como os iorubá, axânti, mali, banto, núbio, zulu e

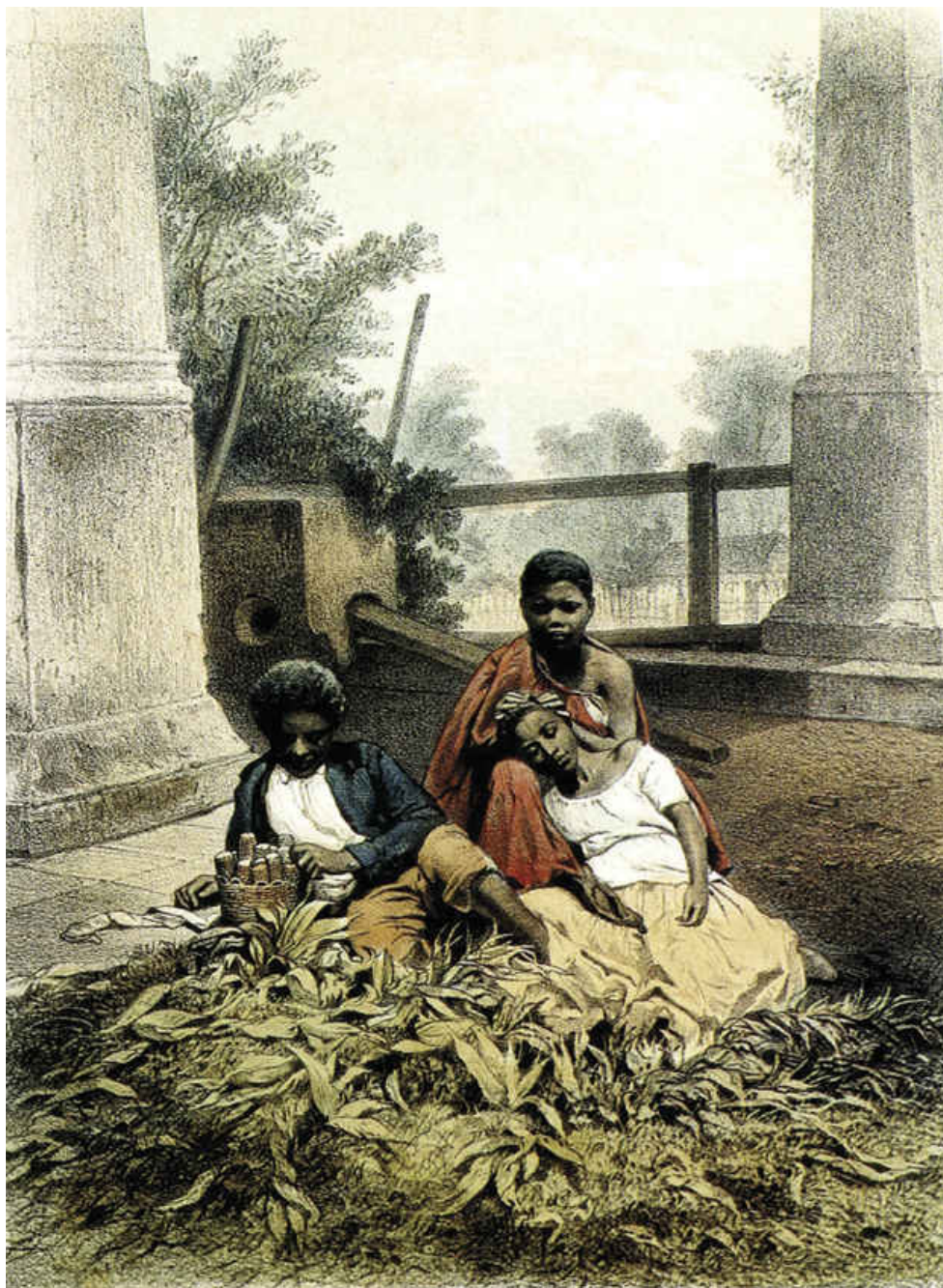
tantos outros foram se diluindo na nossa sociedade de tal forma que hoje chega a ser difícil identificar a origem africana de muitas de nossas tradições e palavras. Porém, os negros se tornaram bastiões da cultura de seu povo e utilizaram seu conhecimento ancestral para promover, por onde se instalaram, novas culturas a partir de suas lendas originais. *As histórias não são apenas um pedaço de cada povo antigo: são pedras fundamentais para reconstruir novos impérios culturais africanos pelo mundo.*



Litografia de Johann Moritz Rugendas (1802-58). Historiadores do passado descreviam que quilombolas “raptavam” mulheres negras para os mocambos.



Punição pública adotada durante o período de escravidão no Brasil.



Ao longo da história, homens e mulheres negros eram vistos como mercadoria e não recebiam os mesmos benefícios sociais de outras etnias que imigraram para o Brasil.

O NASCIMENTO DO RACISMO NO IMAGINÁRIO POPULAR

Você já ouviu falar sobre realidades imaginadas? O autor de *Sapiens*, Yuval Harari, fala bastante sobre esse conceito em sua obra: “uma realidade imaginada é algo em que todo mundo acredita e, enquanto essa crença partilhada persiste, a realidade imaginada exerce influência no mundo”.

Isso reflete muito sobre a origem do racismo em nossa história. Para que a escravidão desse certo e tivesse aceitação, ela precisava ter um respaldo moral, uma justificativa para que aqueles que usufruíam dos escravos pudessem fazê-lo de consciência tranquila. E para minimizar o estrago causado pela exploração, os escravagistas construíram uma realidade imaginada ao “coisificarem” homens e mulheres negros, como diria Martin Luther King, um dos maiores líderes na luta pelos direitos civis dos negros: “[o negro] não era visto com o mesmo status e valor que outros seres humanos”.

Rebaixar as pessoas já havia sido uma prática durante a Inquisição Espanhola (1478-1834), quando judeus e mouros (povos islâmicos oriundos do Norte da África) foram fortemente perseguidos por cristãos. Leis rígidas foram criadas para impedir vários de seus direitos sociais, como o casamento, o comércio, posses, dentre outros. A ideia era diminuir a sua influência na sociedade usando a falta de pureza no sangue como desculpa. Quando Portugal assimilou esse conceito, impôs o mesmo aos índios no Brasil. Na prática, isso significava que os povos que não fossem cristãos, brancos e europeus eram vistos como menores e não podiam ter os mesmos direitos que os outros. *Hoje sabemos que pureza sanguínea é um mito, uma história inescrupulosa contada por aqueles que temiam perder suas posições de privilégio na sociedade para grupos diferentes dos seus.*

Quando a colonização trouxe os vários povos africanos, o mito da pureza de sangue precisava ganhar uma nova forma para que as pessoas pudessem compreender aqueles homens e mulheres de pele escura e traços diferentes dos que estavam habituados. Nesse período, os cristãos passaram

a buscar no livro máximo de sua fé, a Bíblia, explicações para essas diferenças.

Na época, circulavam duas teorias para a origem da espécie humana: o poligenismo e o monogenismo. O poligenismo dizia que as raças humanas tinham origens múltiplas. Já no monogenismo, todos os homens teriam derivado da mesma espécie. Entre as duas, a teoria mais difundida era o monogenismo, e os cristãos interpretavam que Adão e Eva seriam essa origem única. Entretanto, somente os europeus brancos seriam descendentes do casal.

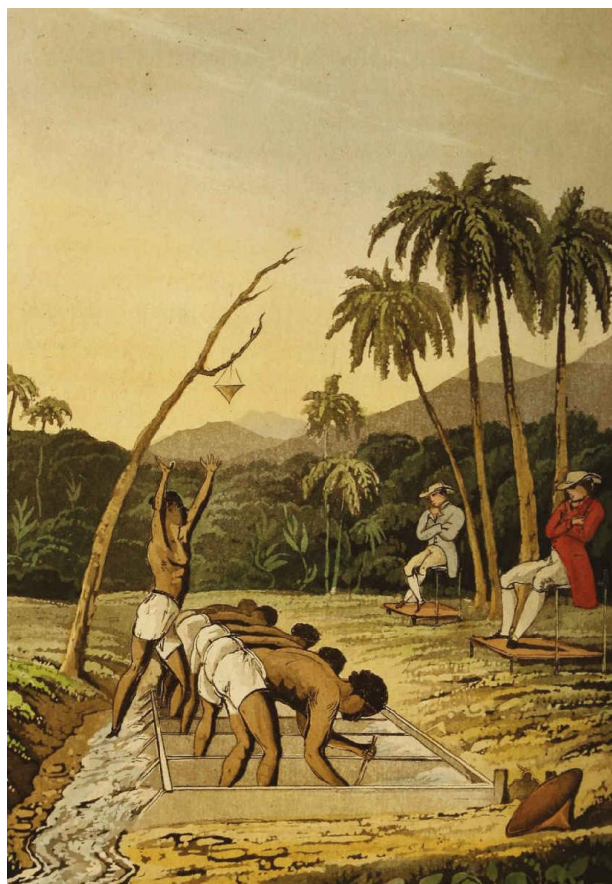
Essa teoria, contudo, era um grande paradoxo, afinal, as origens de Jesus não seriam europeias. Uma de suas mais antigas representações na arte está guardada no Museu Copta, no Cairo, Egito, e traz Jesus e seus discípulos com pele retinta. A religião ainda concluía que os negros representavam uma forma de degeneração da imagem de Deus e, portanto, deveriam ser colocados em posições inferiores como forma de martírio para limpar sua alma – e com isso também impediam a miscigenação, para produzir descendentes cada vez mais claros.



O racismo foi construído por um conjunto de ideologias que misturavam ciência, política e religião para desumanizar negros e seus descendentes.

A religião foi, sem dúvida, um dos maiores motores do mito da superioridade racial. E mesmo antes das colonizações, os africanos não eram lembrados ou levados em consideração no cristianismo praticado pelos europeus. Mas é interessante lembrar que o continente africano foi o segundo a seguir essa religião, ainda no século I, no Egito. Foi a partir da adoção do cristianismo como religião oficial do Império Romano, no ano 380, pelo imperador Teodósio I, que pouco a pouco as referências africanas na religião foram sendo apagadas. Mesmo posteriormente, com a Reforma Protestante no século XVI, essas referências não foram resgatadas. Pelo contrário, o mito da soberania racial branca foi reafirmado, contribuindo para a perpetuação da degeneração dos negros e criando reflexos no racismo que existe até hoje.

Assista [AQUI](#) a uma pequena aula sobre racismo com Martin Luther King.



A escravidão era mantida sobre vários pretextos que defendiam o desenvolvimento econômico do país e uma falsa ordem social que teoricamente mantinha negros e brancos em harmonia – mesmo que os pretos sempre estivessem em posição de subordinação.



Mesmo após a abolição oficial em 1888, com a assinatura da Lei Áurea, na prática os negros libertos ou

ainda escravos tinham seu trabalho explorado no comércio de rua.

AS EXIBIÇÕES DE “SELVAGENS”

O contato com diferentes etnias criou um fenômeno cultural tenebroso. Mas é fácil esquecer o passado cruel e devastador quando ninguém se preocupa em contá-lo. Trazer à tona acontecimentos como os zoológicos étnicos ajuda a entender como o preconceito racial se alastrou no inconsciente das pessoas.

Esse era um hábito comum na Europa colonizadora. O explorador Cristóvão Colombo foi um dos primeiros navegadores que capturou nativos para levá-los consigo para a Europa. Em 1493, apresentou seis ameríndios à Corte espanhola, causando grande furor entre os europeus presentes.

As exposições se tornaram uma forma de entretenimento e as pessoas passaram a se divertir com circos e aldeias cenográficas – verdadeiros zoológicos feitos com os nativos das colônias. Os Médici, importante dinastia italiana, criaram um grande zoológico no Vaticano. Há relatos de que o cardeal Hipólito de Médici mantinha, entre os animais exóticos, uma coleção de pessoas de diferentes raças que eram descritas como “selvagens” – dentre elas havia mouros, tártaros, índios, turcos e africanos. Apesar de já ser uma prática, foi no século XIX que os zoológicos humanos começaram a tomar uma proporção massiva. A cidade de Londres, na Inglaterra, hospedou a maior parte dessas apresentações, mas a França as explorou de forma distintamente hedionda.

Uma exibição racial promovida pelo zoológico Jardin d’Acclimatation, em Paris, recebeu 1 milhão de visitantes em 1877. A Exposição Universal de 1889, também em Paris, tinha como uma de suas exposições a Vila Negra, visitada por cerca de 28 milhões de pessoas. Nela, seis vilas dubiamente reconstituídas apresentavam diversas etnias, como árabes, javaneses e senegaleses, que além de viverem nesses locais ainda deviam apresentar performances teatrais: mulheres dançavam nuas e homens interpretavam lutas e rituais. As Exposições Universais eram eventos gigantescos em que vários países apresentavam seus mais recentes avanços tecnológicos e culturais. Em 1931, a Exposição Colonial reuniu 1,5 mil africanos, expostos em reproduções de vilas. Tais exposições cumpriam o papel de convencer a população de que a colonização retornava em riquezas e conhecimentos para a Europa.

Mesmo após o período de colonização, vários países mantiveram esses zoológicos e pareciam competir em nível de atrocidade. Em cada um

deles, uma nova versão do horror era visível e a crueldade era praticada de diversas maneiras. É doloroso pensar que esse hábito perdurou até recentemente.

Em 1994, um zoológico francês chamado Planète Sauvage foi alvo de críticas ao tentar reproduzir uma vila da Costa do Marfim. Na Bélgica, alguns dos 267 congoleses exibidos em uma apresentação morreram durante o show e foram enterrados como animais em covas anônimas. Esses zoológicos enfatizavam as diferenças entre aqueles homens e mulheres e os europeus, que se consideravam superiores. A revista norueguesa *Urd* concluiu: “É maravilhoso sermos brancos”.



Capa da Revista Illustrada em homenagem à abolição da escravidura no Brasil.

A BIOLOGIA RACIAL OU O RACISMO CIENTÍFICO

Todo esse espetáculo desumano era apoiado pelas teorias que ficaram conhecidas como biologia racial ou racismo científico. Foram, na verdade, um conjunto de teorias pseudocientíficas baseado apenas em observação

para justificar as diferenças raciais e tirar o peso da consciência dos supremacistas. É extremamente importante ressaltar esse contexto, já que muitos tendem a atribuir exclusivamente à religião a construção dos argumentos que impulsionaram o sistema escravagista.

Na realidade, nos esquecemos de que até mesmo no Iluminismo a mesma lógica racista se repetia. O Iluminismo foi um movimento que buscava mais racionalidade, a valorização da ciência e a separação do Estado da Igreja para tirar Deus do centro da narrativa do Universo. A ideologia acreditava que a racionalidade e o senso crítico ajudariam o espírito humano a evoluir e a humanidade a se tornar mais progressista. Porém, os pensadores dessa época pouco avançaram para eliminar a crueldade da escravidão. Pelo contrário, é nítido como o discurso sobre a exaltação da ciência e o fim dos preconceitos religiosos era voltado apenas para os homens brancos.

Dessa maneira, o mito racial que já era tendenciosamente justificado pela religião, passava a ser explorado cientificamente. Vários testes puramente empíricos foram utilizados para endossar suas teorias, como a craniometria para validar a ideia de que alguns seres humanos seriam mais evoluídos que outros de acordo com o tamanho de seus crânios. Neste momento também surgia o conceito de raça na literatura, proposto por nomes da filosofia e da ciência como Immanuel Kant (1724-1804), que defendia a supremacia europeia e a inferioridade racial dos povos tidos como “selvagens”, considerados insolentes e incapazes de autonomia intelectual. Na realidade, seria prepotência imaginar que poderíamos ensinar o que é civilização para povos que ergueram impérios colossais, como os egípcios.

QUAL A DIFERENÇA ENTRE A ESCRAVIDÃO AFRICANA E O RACISMO EUROPEU?

Em uma época em que as redes sociais se tornam campos polarizados de discussão, a polêmica em torno do racismo e da escravidão volta à tona, quase sempre apresentada com a falácia de que “os próprios negros se escravizavam”.

A escravidão existe desde épocas pré-históricas. Ela sempre foi um reflexo da guerra entre os povos. Era o caso, por exemplo, dos vikings, que criaram a palavra “*thrall*” para a condição escrava, fosse ela hereditária,

resultado de captura ou até mesmo voluntária. Já os astecas usavam o termo “*tlatlacotin*”. Indivíduos com dívidas de jogos ou condenados por crimes podiam assumir a condição de serviçais particulares até pagarem o que deviam, ou até alcançarem a confiança do suserano, em casos de inimigos de guerra.

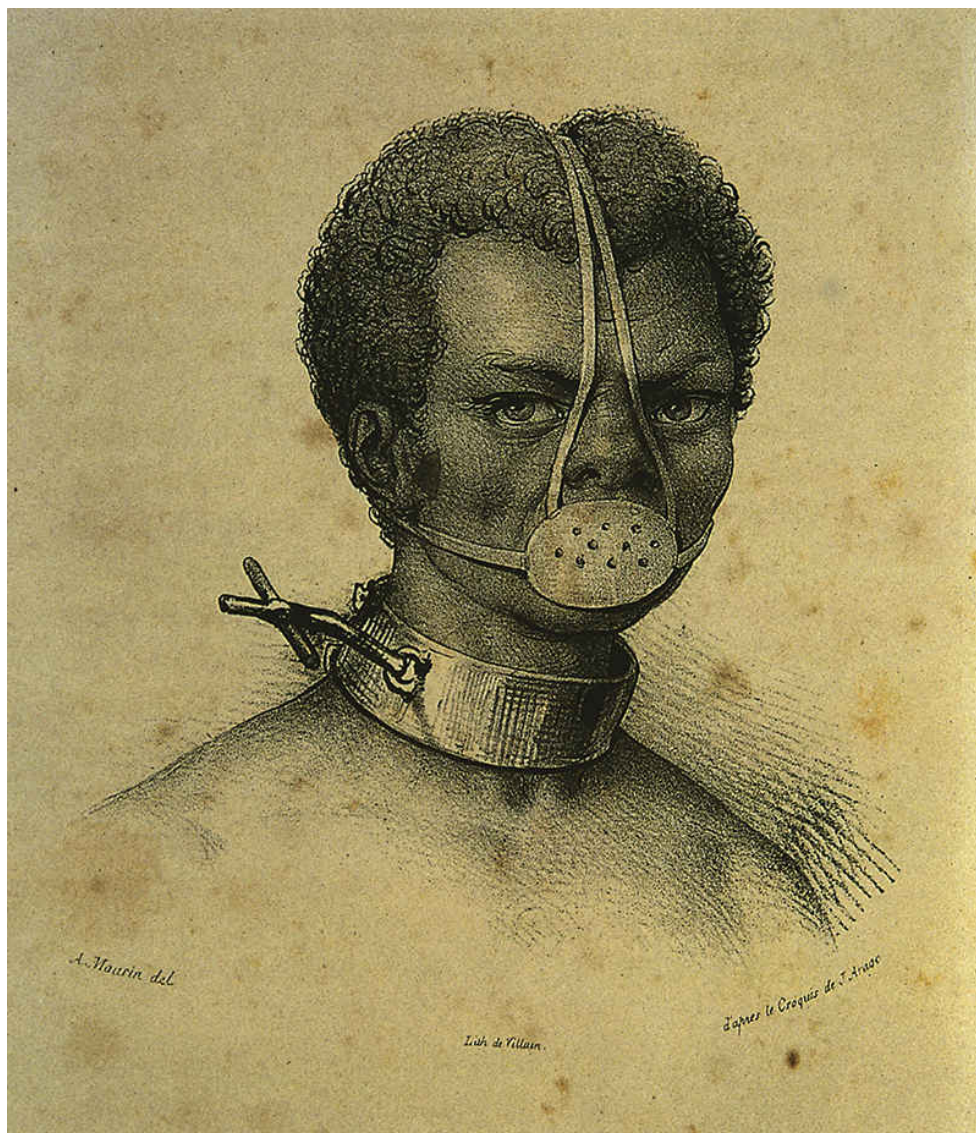
Em outras sociedades, a escravidão tinha um prazo. A Bíblia judaico-cristã, por exemplo, narra o ano do Jubileu, momento em que toda a condição de escravo devia ser dissipada. Acredita-se que “jubileu” vem do verbo “*yovel*”, do hebraico, que significa “trazer de volta”. Assim, os escravos voltariam a seu estado anterior de liberdade. Desse modo, compreendemos que a Europa não inventou a escravidão. Por outro lado, inventou algo que tornou toda sua história mais nefasta do que já era.

As pessoas tendem a diminuir a África. De forma estereotipada, a imaginam como um país, quando na verdade estamos falando de um vasto continente, um dos mais ricos em culturas, tradições e etnias. Essas etnias, inclusive, viviam em conflitos internos, assim como os ameríndios ou qualquer povo nativo de outro continente.

Muitos, por exemplo, foram aprisionados no processo de expansão do povo akan, uma grande comunidade do continente africano que realizou construções inimagináveis no meio de florestas. Wilhelmina Donkell, especialista na história desse povo, ressalta que seu sistema de servidão era diferente da escravidão europeia porque as pessoas podiam se casar, ter filhos e propriedades, e às vezes o casamento podia ocorrer até mesmo com os herdeiros dos mestres.



As pinturas do Brasil Colônia e Império muitas vezes retratavam a crueldade do tratamento dado aos negros.



Uma das imagens mais representativas da perversidade da escravidão: *Escrava Anastácia* (1839), de Jacques Arago (1790-1854). Mulher, negra e mineira, foi castigada e obrigada a utilizar a máscara de flandres por resistir contra o sistema escravocrata.

Outro exemplo é oferecido por Sandra Greene, historiadora especialista na história de Gana. Ela explica que na África Ocidental conflitos políticos entre as comunidades nos séculos XVIII e XIX faziam com que elas escravizassem seus inimigos e, apesar de a prática ter sido legalmente abolida em 1875, seus impactos podem ser sentidos até hoje. Em Gana não havia escravidão racial, ela era definida por parentesco. As pessoas tinham muito claramente o histórico de cada indivíduo e o mantinham por meio de registro oral. Assim, algumas famílias ainda carregam a marca de sua origem escrava.

Seria imprudente argumentar que exista um tipo “aceitável” de escravidão. Ela é abominável de todas as formas e o mundo antigo era cruel em todos os lugares. Mas os europeus transformaram essa crueldade em devastação quando adicionaram um elemento que nunca havia sido explorado antes: a ideia de raça, de que a escravidão seria definida por causa da cor de pele ou de uma etnia diferente. Estava criada a escravidão racial.

O conceito de raça surgiu com a Inquisição Espanhola, quando a pureza de sangue passou a segregar judeus e mouros e justificativas bíblicas foram usadas para explicar a diferença entre as pessoas. Isso se intensificou quando os europeus chegaram à África. Ao desembarcar, promoveram alianças com alguns reis nativos, da maneira que fizeram na América, como conta por exemplo a história do líder asteca Montezuma, que recebeu o conquistador espanhol Hernán Cortés e depois foi traído e morto por seu exército.

Os colonizadores europeus se aproveitaram dos conflitos internos entre as diferentes etnias africanas para estimular guerras, criando prisioneiros. Depois, compraram esses prisioneiros como mercadorias, elevando o terrível costume de escravidão que existia entre alguns povos africanos. A colonização europeia originou um inédito mercado global de escravos, exportando negros para outros países colonizadores. Com essa expansão, a escravidão racial se estabeleceu como um pensamento dominante que se perpetuou por anos, ajudando a consolidar leis que garantiam privilégios para os brancos em todo o mundo, como pode ser observado no Apartheid, um regime de segregação racial que ocorreu na África.

O RESGATE DOS NOSSOS HERÓIS

Muitos ainda não entendem o poder que o nosso imaginário exerce sobre quem somos. São nossos sonhos que impelem nossas emoções e fazem com que nos sintamos diferentes frente às situações do mundo. As figuras presentes nessa parte inconsciente humana dizem até aonde podemos ir com nossos desejos e como lidar com as frustrações.

O pai da psicologia analítica, Carl Gustav Jung (1875-1961), explorou o que chamou de “inconsciente”, que “é formado por duas camadas: a Pessoal, na qual são mantidas as experiências reprimidas, esquecidas e ignoradas de cada indivíduo; e o Inconsciente Coletivo, a camada mais profunda da psique, que é povoada por instintos e imagens primordiais

divididas e herdadas por toda a humanidade”.

A escravidão ajudou a construir na mente das pessoas imagens extremamente depreciativas dos povos negros. O Brasil, por exemplo, foi um dos maiores centros de estudos latino-americanos da eugenia, teoria que apresentava dentre os seus conceitos a ideia de “limpar” a criminalidade e a indolência que, segundo os racistas, pairava sobre a etnia negra. Eu mesmo passei muito tempo sendo impactado por esse estereótipo, privado de autoestima e sem ninguém para me dizer “estão ofendendo você porque é um garoto negro e a maioria das pessoas aprendeu que ser negro é uma coisa ruim”.

Devido ao racismo impregnado na mente das pessoas, ser negro não era visto de forma positiva. Logo, não existiam heróis de traços negros na TV, no cinema e na literatura mainstream. Nos jornais e nos programas de rádio e televisão, o estereótipo sempre foi reforçado com piadas e todo tipo de escárnio.

A falta de contato com narrativas heroicas representativas podem levar a psique de um povo à ruína, e não é segredo que a do povo negro adoeceu no processo de escravidão. Isildinha Baptista Nogueira, um dos maiores nomes da psicologia social no mundo, afirmou em entrevista que “É preciso entender que o racismo adoece e esse é o perigo que nós corremos, pois existe uma aparente inclusão do negro na sociedade, mas esse adoecer psíquico é muito mais eficiente do que a segregação e a discriminação”.

Voltando a Jung, podemos ter uma nuance de entendimento da importância desses personagens; os heróis e as heroínas. O psiquiatra afirmava que a função básica do herói dentro de qualquer mito era combater os demônios infantis de sua cultura local, de forma que a assimilação dos heróis era também a assimilação da visão de mundo que tal mito queria propagar. Em outras palavras, heróis nos ensinam pela experiência a confrontar o mal, enfrentar situações adversas e a lidar com o mundo utilizando os artifícios da fé, da cultura e da cosmovisão em que ele se insere.

Então, ao viver envolto em um mundo no qual a cultura pop é baseada em mitos e narrativas eurocentradas (construídas com elementos da cultura e da crença europeia), você se sente afastado de uma identificação cultural. Isso o desloca para um isolamento em meio à sociedade que cria dissonância sobre quem você é, fragilizando o seu ser ao impedir que receba imagens heroicas para lidar com conflitos próprios de sua etnia.

A história ocultou o nome de milhares de heróis africanos em nosso continente, mas reencontrei inúmeras narrativas que adoro contar. Nas próximas páginas apresento alguns fatos marcantes e tristes do nosso povo. São relatos de homens e

mulheres que foram testemunhas da faceta mais perversa dos colonizadores. Histórias que não devem ser esquecidas, pois as atitudes e ideologias desses exploradores ainda estão vivas e são muito reproduzidas – algumas vezes de forma inconsciente, outras, de maneira bastante agressiva. Além disso, reuni também algumas anedotas curiosas que vão instigar sua imaginação a viajar por um mundo mítico da cultura afro.

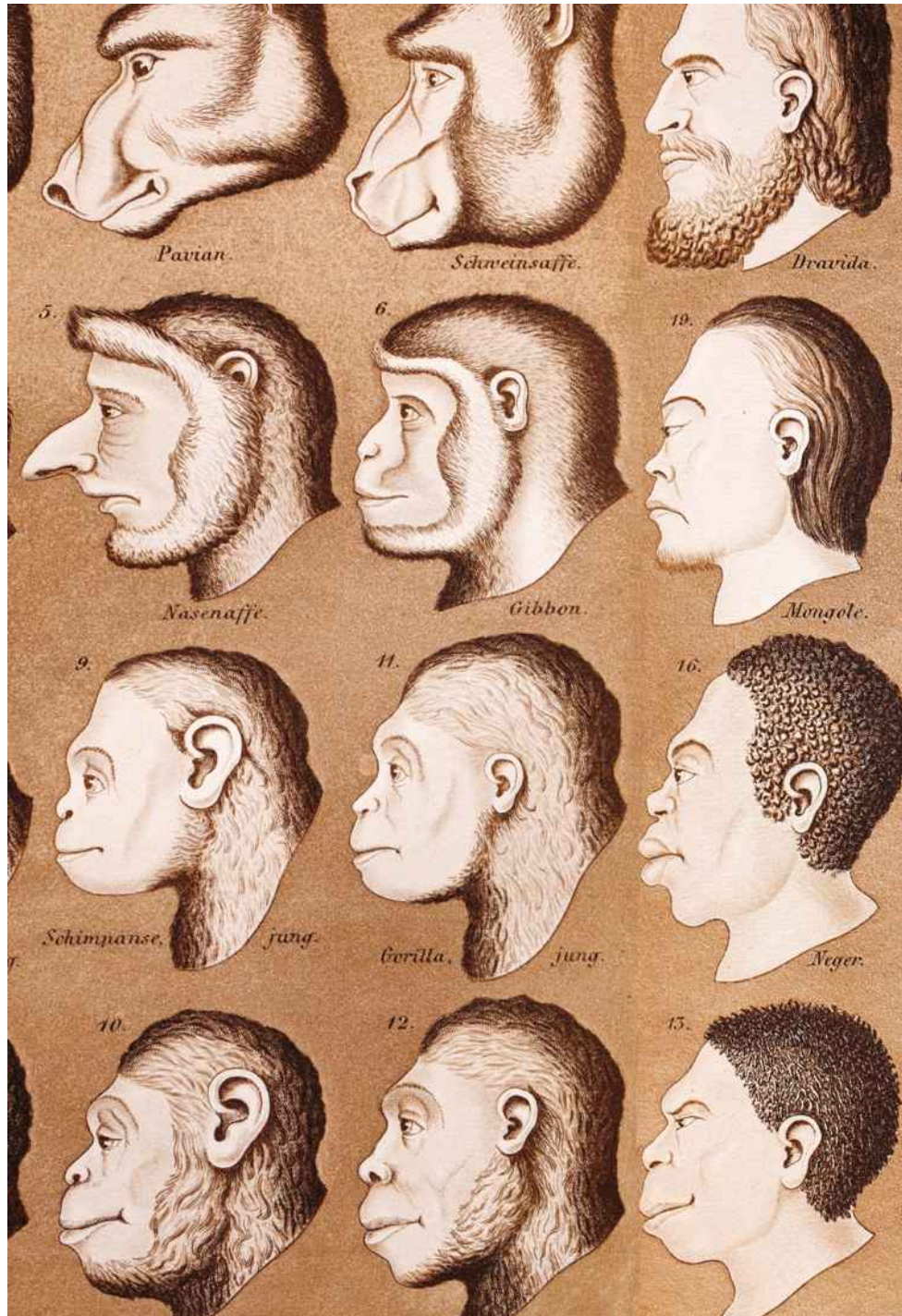
Quando ouço o termo “empoderamento”, remeto à esta questão do imaginário: entregar as imagens para resgatar e reconstruir juntos as figuras que serão consolidadas nas próximas gerações. Eu acredito de maneira contundente que podemos construir um futuro grandioso, inspirados pelas culturas ancestrais e polidos através das histórias que estamos contando hoje.



Em uma sociedade que não reconhecia o negro como ser humano, era comum ver escravos circulando com peças que evidenciavam a crueldade dos escravagistas.



Negro que exercia o ofício de vendedor ambulante, registrado por Marc Ferrez (1843-1923).



No século XIX, intelectuais e antropólogos buscavam explicações para postular ideias que pregavam a superioridade dos europeus.

1



O RACISMO CIENTÍFICO NO BRASIL

A CIÊNCIA DEVERIA APENAS LEVAR O HOMEM PELO CAMINHO DA EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO. PORÉM, ELA JÁ REVELOU A FACE MAIS PERVERSA DA HUMANIDADE AO ATRIBUIR RAÇAS AOS HUMANOS. NO BRASIL DA PÓS-ABOLIÇÃO, A CIÊNCIA FOI USADA TAMBÉM PARA CRIAR IDEOLOGIAS RACISTAS E UM PLANO EUGENISTA QUE EXTERMINARIA NEGROS DO PAÍS.

Tudo começou na metade do século XIX. À época, muitos intelectuais já impunham o racismo epistêmico dentro da historiografia, e a antropologia basicamente servia para comprovar a superioridade dos povos europeus em relação aos povos considerados bárbaros. Georg Wilhelm Friedrich Hegel, pensador alemão e filósofo influente do século XVIII, já afirmava que “os povos negros são incapazes de desenvolver e receber uma educação”. O antropólogo inglês Francis Galton, por sua vez, aplicou aos seres humanos a teoria da seleção natural, desenhada por seu primo Charles Darwin, para comprovar que o intelecto era hereditário, criando então a teoria da “eugenia”, termo grego que significa “bem-nascido”.

Segundo essa teoria, seria possível eleger os melhores homens e mulheres por meio de características físicas para promover a evolução da espécie humana nas gerações futuras. Dessa forma, os indivíduos que não se encaixavam nos padrões eram considerados degenerados e excluídos da sociedade. Houve programas de esterilização e extermínio, como aconteceu com judeus, homossexuais e deficientes na Alemanha nazista durante o governo totalitário e ditador de Adolf Hitler.

Quando visitou o Brasil, em 1860, o historiador britânico Henry Thomas Buckle considerou o país “nocivo à saúde” – a comunidade internacional repudiava a configuração brasileira pela quantidade de negros e mestiços. Para tirar o país desse “atraso civilizatório”, intelectuais,

políticos e outros membros da elite brasileira empenharam-se em um plano para higienizar a população. Iniciou-se, assim, o Movimento Eugênico Brasileiro, com as primeiras ações organizadas em São Paulo, na década de 1910. Essa iniciativa também respondeu aos anseios dos escravagistas que queriam novas ferramentas para hierarquizar a sociedade. Nessa época, os antigos escravos que haviam sido libertos foram abandonados sem uma política de integração e, por isso, sofriam o repúdio da sociedade.

Essa pseudociência acreditava que as raças de negros e índios não eram apenas inferiores, mas que algumas condições, como alcoolismo, perversão sexual e criminalidade estavam diretamente ligadas ao sangue dessas raças, que deveriam, portanto, ser exterminadas.

O documentário *Homo Sapiens 1900*, do diretor Peter Cohen, mostra os experimentos feitos durante os estudos da eugenia. Assista [AQUI](#).

CENTRAL BRASILEIRA DE EUGENIA

Dentre as principais fontes para o estudo da eugenia no Brasil destacam-se os conjuntos documentais formados pelos *Annaes de Eugenia* (1919), publicação que reúne as atividades e conferências da Sociedade Eugênica de São Paulo. O compêndio foi lançado pela editora da *Revista do Brasil*, que tinha entre seus colaboradores mais famosos Monteiro Lobato, Arnaldo Vieira de Carvalho, Alfredo Ellis, Belisário Penna, Vital Brazil, Artur Neiva, Luís Pereira Barreto, Antônio Austregésilo, Fernando de Azevedo, Juliano Moreira e Afrânio Peixoto. Liderados pelo farmacêutico, médico e escritor Renato Kehl, publicaram o *Boletim de Eugenia*, que se manteve em circulação de 1929 a 1933, e organizaram no Rio de Janeiro o 1º Congresso Nacional de Eugenia. O governo brasileiro apoiou o movimento e suas teorias se tornaram as principais linhas de higienização e saneamento da população.

Em 1931 foi fundada a Comissão Central Brasileira de Eugenia, que tinha higiene, saneamento e educação como seus principais pilares. Diferentemente dos Estados Unidos e da África do Sul, por exemplo, não houve no Brasil leis explícitas de segregação, porém a propaganda e a política educacional foram responsáveis por impedir a mistura entre raças. O processo de eugenia no país teve sua base construída graças à Constituição Brasileira de 1934, cujo artigo 138 dizia que a União, os Estados e os Municípios deveriam “estimular a educação eugênica”.

As universidades de medicina e saúde em todo o país passaram a utilizar obras de Kehl, como *Eugenia e medicina social* e *Aparas eugênicas: sexo e civilização*, e as discussões sobre raça passaram por uma simbiose com os temas de sanitaristas brasileiros.

Paralelamente a esse movimento, havia um esforço de branqueamento da população por meio de políticas de imigração. A Resolução nº 20 do Conselho de Imigração e Colonização revela o plano do governo de São Paulo para trazer 50 mil portugueses para o Brasil com a intenção de clarear a raça brasileira, seguindo as teorias de eugenia aplicadas no país. As intenções eram explícitas “tendo em conta a alta conveniência que apresenta, para o Brasil, a vinda de agricultores portugueses, pelas condições étnicas que possuem...”.

Os negros não recebiam o mesmo tipo de benefícios sociais que a

nova força de trabalho imigrante. Sem emprego e assistência, o que os eugenistas buscavam era que todos os descendentes de africanos escravizados desaparecessem do país em cerca de quatro ou cinco gerações, conforme o próprio Khel escreve no *Boletim de Eugenia*: “a solução [para o Brasil] será o advento de uma nacionalidade mestiça, com predominância do elemento branco”.

EXTERMÍNIO DA NEGRITUDE

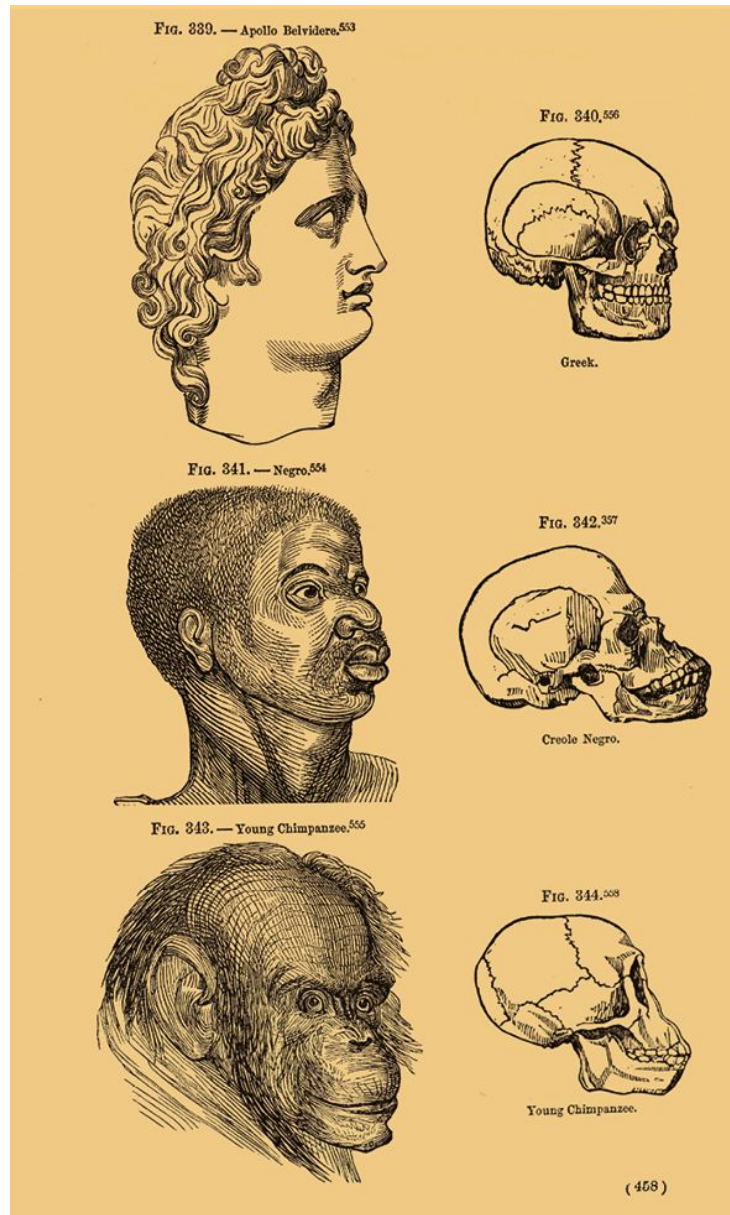
O governo trabalhou para exterminar a negritude. Negros de pele clara, que representariam a falha desse projeto de clareamento, não deveriam existir. E os retintos, mais ainda: deveriam ser apagados do mapa brasileiro.

É muito fácil encontrar em publicações da época termos como “defesa da raça”, “saúde da raça”, “higienização da raça”. Os supremacistas ardilosos só não contaram com o fato de que os negros são mais fortes do que eles imaginavam. Não morremos, a resistência é uma arte ancestral. Vários movimentos surgiram para confrontá-los, da Revolta da Chibata à Frente Negra Brasileira.

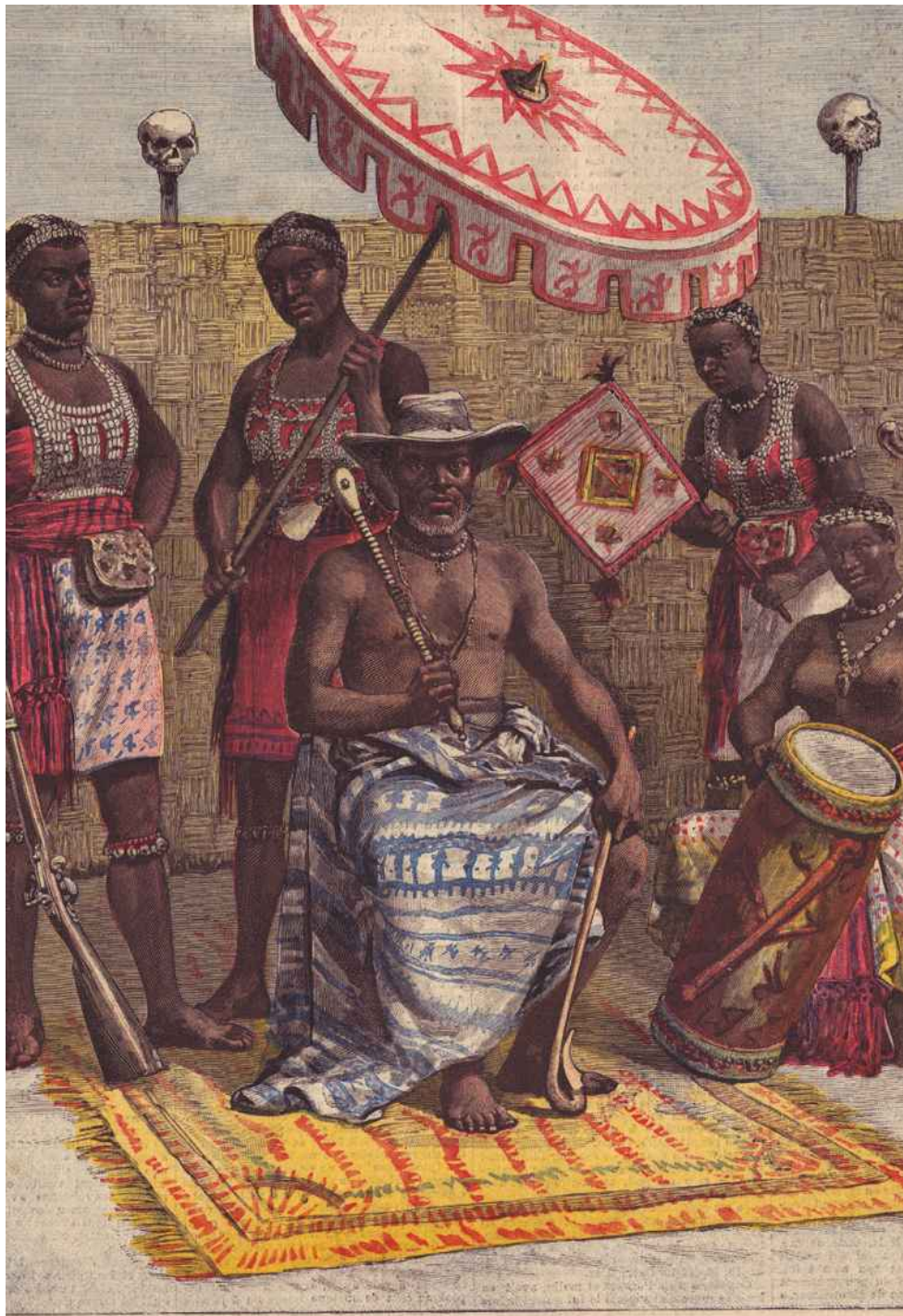
Com o golpe militar de 1964, a eugenia, que já era aplicada pelo Exército, ganhou um caráter de supressão cultural e ideológica, agora sob o manto da democracia racial, uma crença de que a miscigenação brasileira teria resolvido qualquer possível tensão e desigualdade racial, ideia baseada na obra de Gilberto Freyre *Casa-grande & senzala*. O plano eugenista continuava no governo militar, com as perseguições a manifestações negras. Mas, temendo alguma revolta, usavam a supervalorização da “raça brasileira” como disfarce.

Vários concursos de beleza, tanto de crianças quanto de mulheres, foram promovidos para encontrar as características perfeitas segundo os conceitos da eugenia. Esses concursos de “beleza eugênica” eram frequentes até o fim do regime militar. Basicamente, a grande maioria dos estereótipos raciais e a construção do racismo brasileiro se deu no movimento de eugenia, que se arrastou por décadas e não se sabe ao certo quando oficialmente terminou.

Assim, podemos supor que ainda estamos vivendo sob a sombra do racismo científico brasileiro. Obras eugenistas, como *O homem delinquente*, publicada por Cesare Lombroso em 1876, ainda são indicadas como base de estudos sobre criminalística, e Raimundo Nina Rodrigues dá nome a um dos principais hospitais do Maranhão. Nos últimos anos, deputados e até mesmo um vice-presidente citaram conceitos eugenistas em seus discursos, alegando o “branqueamento da raça”.



A frenologia, pseudociência que estuda o formato do crânio, reforçava a ideia de que brancos eram superiores.



Agaja, rei de Daomé, vendia escravos em troca de armas para fortalecer o seu exército.

2

†
B

O REINO DE WHYDAH NA COSTA DOS ESCRAVOS

UMA TRAGÉDIA HISTÓRICA SE INICIOU NO REINO DE
WHYDAH OU OUIDAH, ATUAL BENIM, ENTRE 1677 E 1681,
QUANDO FOI CONQUISTADO PELOS AKWAMU, UM DOS POVOS
DO GRUPO ÉTNICO AKAN QUE FLORESCEU UTILIZANDO OS
SERVIÇOS DE SEUS INIMIGOS CAPTURADOS EM TRABALHOS
FORÇADOS. A PRÁTICA ERA COMUM, MAS A DIMENSÃO ERA
IMENSURAVELMENTE INFERIOR AO QUE ESTAVA PARA
ACONTECER NOS 16 QUILÔMETROS DE COSTA QUE O REINO
MANTINHA.

Em Whydah ficava o principal comércio de escravos da África Ocidental. Durante sua expansão, os conflitos eram frequentes e prisioneiros de pequenas aldeias no interior eram levados para trabalhar na região. Não demorou para que os europeus enxergassem ali uma oportunidade. Holandeses, britânicos, franceses e portugueses estavam no reino desde o fim de 1600, porém só construíram fortificações e um entreposto comercial depois de 1700. Oito anos depois cercaram as muralhas do palácio do reino.

O comércio da região era bastante promissor. Os nativos praticavam agricultura de forma extensiva e o comércio interno era tão desenvolvido que o mercado popular em Whydah chegava a ser maior que o de muitas cidades atuais, como Amsterdã.

Haffon, proclamado rei aos 14 anos de idade e considerado o último rei de Whydah, recebeu dois navios e um trono extravagante de presente da França, enquanto da Companhia Britânica ganhou uma coroa. Os dois países continuaram enviando presentes para adular Haffon, e em troca puderam aumentar sua presença na região, construindo fortes para manter escondidos

mercadorias e escravos até embarcarem. Sua coroação oficial foi celebrada com uma procissão que incluiu os impérios britânico e francês, grupos de soldados, músicos, várias de suas esposas e sacerdotes. Os estudiosos divergem quanto à data do evento, sendo possível encontrar diversas gravuras com diferentes datas – Jakob van der Schley o ilustrou como sendo em 1723 e o missionário francês Jean-Baptiste Labat, como sendo em 1725, por exemplo.

O comércio de escravos com os europeus se tornou muito lucrativo e vários líderes, proprietários de terras e conselheiros do rei foram corrompidos, vislumbrando a possibilidade de assumir o controle das vendas. Assim, o reino foi consumido por conflitos e enfraqueceu.

Em 1727, o rei Agaja, de Daomé, outro estado africano na região em que hoje se situa Benim, estava rapidamente incorporando armas ocidentais ao seu exército, por meio do escambo com os europeus. Muitos historiadores defendem o interesse econômico e a proteção do próprio reino como motivações para essa movimentação. Agaja era um grande líder militar que cresceu em meio a vários conflitos entre os povos vizinhos. Com tantos prisioneiros e mais terras para ocupar, ele encontrou na venda de escravos uma forma poderosa de obter mais recursos bélicos para sobrepujar seus oponentes.

Antes de atacar Whydah, Agaja conseguiu o controle de Allada, outro reino costeiro de grande importância para o comércio escravagista. Além disso, conspirou com sua própria filha, também esposa de Haffon, para que ela jogasse água na pólvora de todos os canhões que protegiam Whydah. Agaja enviou mensagens para os europeus não interferirem a favor de Haffon, pois teriam mais benefícios posteriormente em seu reinado. Como resultado, mais de 9 mil pessoas foram aprisionadas na batalha.



No reino de Daomé, além dos vários homens guerreiros, o rei também era protegido por mulheres que formavam um destacamento especial de amazonas.

UM NOVO REINADO

Após derrubar Haffon e conquistar Whydah, o reino foi anexado à Agaja, absorvendo as aldeias ao redor. A população de Daomé passou de 10 mil para quase 30 mil – a maior parte de africanos e um número elevado de europeus que por ali ficaram. O reino tornou-se o segundo maior exportador de escravos do mundo, muitos deles enviados para o Brasil.

Quando um rei chega ao poder através de intriga, teme que possa ser destituído pelas mesmas armas. Por isso, Agaja era implacável: promovia punições para manter a sua imagem e estimular o medo em seus inimigos. A sociedade de Daomé era estritamente militar e visava a expansão a todo custo. Enquanto a Europa abastecia seus navios negreiros, Daomé se preocupava com uma antiga guerra por território contra o reino de Oyo, iniciada em 1682. As batalhas duraram gerações, até a morte de Agaja em 1740. Foi então que o comércio de escravos se intensificou.



Coroação do rei Haffon de Whydah, em abril de 1723, ilustrado por Jakob van der Schley (1715-79). O reino era de grande importância para o comércio de escravos.

O trono de Daomé recebeu vários sucessores e pertenceu também ao rei Adandozan, que mantinha fortes relações com a Europa e correspondência com seus soberanos. Como presente, Adandozan enviou, em 1811, seu trono para o príncipe regente dom João VI, que posteriormente foi trazido ao Brasil junto com a família real portuguesa. Mantido no Museu Nacional do Rio de Janeiro, o trono se perdeu no grande incêndio que acometeu o museu em 2018.

É muito difícil dissociar a narrativa de Whydah e Daomé do tráfico de escravos, já que ambos os reinos se alimentaram da escravidão para crescer em tamanho e poder durante aquele período. Quando os britânicos passaram a impor restrições ao tráfico, Daomé começou a enfraquecer, até ser tomada totalmente pelo segundo império colonial francês em 1904. **O fim da exploração francesa só ocorreu em 1960, e apenas em 1991 o território se tornou a atual República do Benim.** Hoje, no porto do qual escravos partiam para o desalento, existe o monumento Portal do Não Retorno, onde celebra-se a maior festa anual do vodum, uma religião muito importante no Sul de Benim.



O escultor francês Charles Cordier (1827-1905) desafiou os padrões europeus de beleza ideal e passou a reproduzir bustos com a imagem de pessoas negras.



Trono do reino de Daomé mantido no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Após o grande incêndio de 2018, a peça ainda não foi reencontrada.



Benedito Meia-Légua foi um grande estrategista e aterrorizava os escravocratas atacando várias fazendas ao mesmo tempo.

3



A ASTÚCIA DO LÍDER QUILOMBOLA BENEDITO MEIA-LÉGUA

ZUMBI FOI O MAIOR LÍDER E REI DE QUILOMBOS NA HISTÓRIA DO BRASIL, UMA FIGURA LENDÁRIA QUE, ASSIM COMO TODOS OS HERÓIS NEGROS DO PAÍS, SÓ RECEBEU TARDIAMENTE O DEVIDO CRÉDITO. INFELIZMENTE, MUITOS OUTROS HERÓIS E LÍDERES AINDA ESTÃO SOB O MANTO DO DESCONHECIMENTO E NEM SEMPRE TEMOS A OPORTUNIDADE DE OUVIR AS HISTÓRIAS SOBRE ELES. ESTA É A SAGA DE UM DELES: BENEDITO MEIA-LÉGUA.

Esta história me dá um orgulho imenso. Ela mistura fé e genialidade para assombrar os escravagistas, muitos anos antes da abolição. O herói era Benedito Caravelas e viveu até 1885. Foi um líder nato e bastante viajado, conhecia muito do Nordeste do Brasil. Suas andanças lhe conferiram a alcunha de Meia-Légua e mantinha-se sempre com uma pequena imagem de São Benedito, que depois ganharia um significado mágico.

Benedito reunia grupos de negros insurgentes e aterrorizava os fazendeiros escravagistas da região: invadia as senzalas, libertava outros negros, saqueava e provocava verdadeiros prejuízos aos racistas. Contam que ele era um estrategista ousado e criativo. Uma de suas táticas era criar grupos pequenos para evitar capturas e atacar fazendas diferentes ao mesmo tempo. *A genialidade de seu plano era que o líder de cada grupo se vestia exatamente como Meia-Légua, e quando um deles sofria o infortúnio de ser capturado, o verdadeiro reaparecia em outras rebeliões.* Por isso, os fazendeiros passaram a crer que ele era imortal, e sempre que se ouvia notícias de escravos se rebelando em alguma fazenda, vinha a pergunta: “Mas será o Benedito?”.

O mito ganhou força após uma captura dramática. Benedito chegou a São Mateus, no Espírito Santo, amarrado pelo pescoço e sendo puxado por

um capitão do mato montado a cavalo. Foi dado como morto e levado ao cemitério de escravos, na Igreja de São Benedito. No outro dia, quando foram dar conta do corpo, ele havia sumido e apenas pegadas de sangue marcavam o chão. Surgiu assim a lenda de que ele era protegido pelo próprio santo.

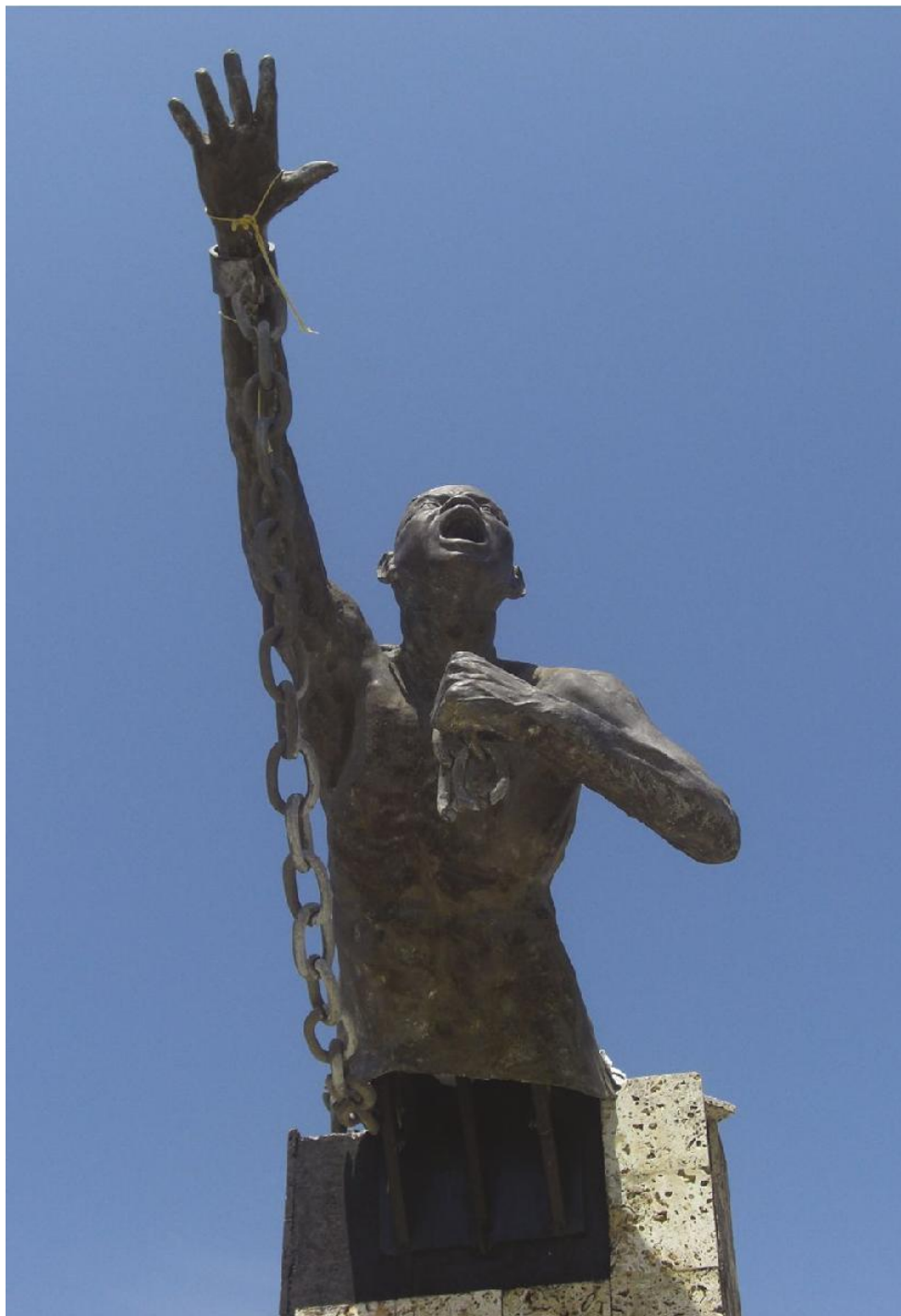
O LEGADO

Meia-Légua só foi morto em sua velhice, manco e doente. Ele dormia em um tronco oco de árvore, mas seu esconderijo foi denunciado por um caçador. Seus perseguidores então ficaram à espreita, esperando Benedito se recolher. Na hora certa, tamparam o tronco e atearam fogo. Em meio às cinzas, encontraram apenas uma pequena imagem de São Benedito.

Seu legado é um rastro de coragem, fé, ousadia e força para lutar. Ainda hoje, Meia-Légua é representado em encenações de congadas e ticumbis pelo Brasil. Todo dia 1º de janeiro o cortejo de ticumbi busca a pequena imagem de São Benedito no Córrego das Piabas e a leva até a igreja para celebrar a memória de Meia-Légua. Por mais de quarenta anos ele e seu quilombo mais do que resistiram, golpeando o sistema escravocrata.



Zumbi dos Palmares (1655-95), uma das principais figuras da resistência negra à escravidão no Brasil.
Retrato de Antonio Parreiras (1860-1937), de 1927.



Estátua de Benkos Biohó, na Praça Principal de San Basilio de Palenque, Colômbia.

4



BENKOS BIOHÓ E O QUILOMBO IMBATÍVEL NA COLÔMBIA

HISTORIADORES ESCRAVAGISTAS SEMPRE OMITIRAM DE SEUS REGISTROS A IMAGEM DE NEGROS REVOLTADOS COM O SISTEMA RACIAL. ELES PREFERIRAM CONSTRUIR A NARRATIVA COM A IDEIA DE QUE NOSSOS ANCESTRAIS NEGROS ACEITAVAM A SUA ESCRAVIDÃO, COMO SE ACOLHESSEM A INFERIORIDADE RACIAL IMPOSTA PELA EUROPA. PORÉM, A PRIMEIRA PESSOA NEGRA RAPTADA PARA TRABALHAR NAS AMÉRICAS TORNOU-SE A PRIMEIRA REBELDE.

Como nós brasileiros ainda estamos resgatando a nossa própria história africana, é bastante normal, apesar de triste, não conhecermos as histórias de nossos vizinhos. Um líder que me inspira muito é Benkos Biohó e seu *palenque*, que é como as comunidades quilombolas da Colômbia chamam seus refúgios. Esse país, irmão latino-americano, é conhecido por hospedar a terceira maior população de negros na diáspora africana.

Benkos era da etnia bijagó, um grupo conhecido por sua extrema integridade cultural. Seus membros não aceitavam qualquer rei e era muito comum cometerem suicídio nos navios negreiros para evitar o suplício da escravidão. Os bijagó viviam na região conhecida como Guiné Portuguesa. Ali, com a ajuda dos franceses, britânicos e suecos, foi erguido um dos maiores alicerces do tráfico de escravos no início da década de 1600. Benkos e sua família foram vendidos um pouco antes, em 1596.

Não demorou muito para a natureza rebelde dos bijagó se revelar. Em 1599, Benkos, que recebeu o nome Domingos Biohó, liderou uma rebelião com trinta homens em Cartagena das Índias, na Colômbia. O

escritor Frei Pedro Simón descreveu o líder como espirituoso, corajoso e ousado, e apesar dos vinte sujeitos armados que levou consigo, o português Juan Gomez fracassou na tentativa de impedir a fuga do grupo. Biohó e seus homens encontraram um lugar seguro e ergueram paliçadas da maneira que faziam na África Ocidental. O local ficou tão bem-protegido que as investidas de invasão sucumbiram uma após a outra.

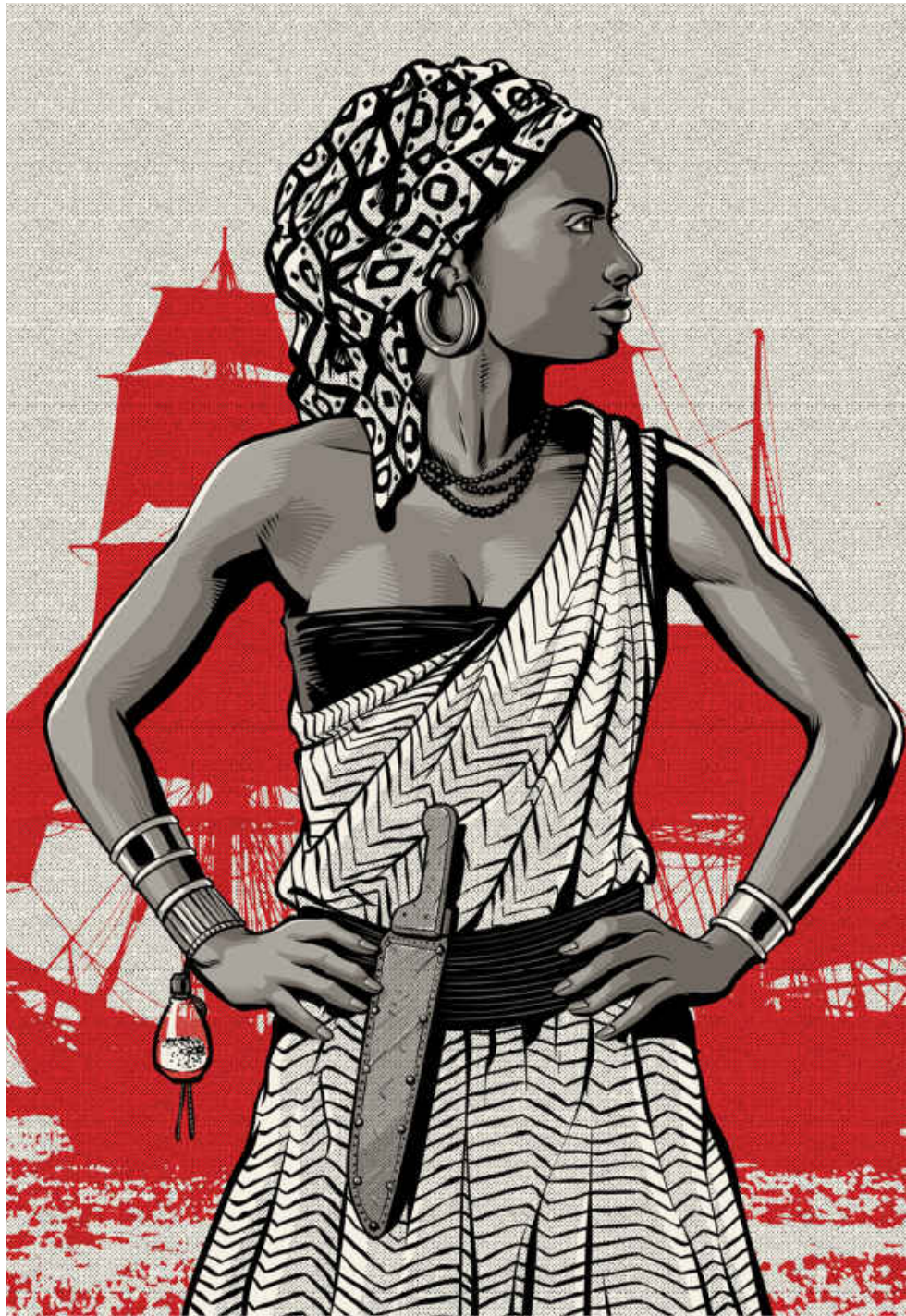
O TRATADO DE PAZ

Sem saber como derrotar os maroons, como eram chamados os negros libertos e foragidos, o governador de Cartagena, Gerónimo de Suazo y Casasola, ofereceu um tratado de paz em 18 de julho de 1605. O acordo, contudo, só vigorou em 1613, quando seu sucessor, Diego Fernandez de Velasco, não teve opção senão concordar com a trégua.

Veja [AQUI](#) um projeto da Prefeitura de Bogotá que leva o nome de Benkos e promove a valorização dos negros.

Os quilombolas receberam o direito de trafegar livremente, até mesmo armados, pela cidade. Nessa época, uma imagem de São Basílio ficou presa em uma das paliçadas e muitos acreditaram ser um presságio. Tempos depois, em 1619, o tratado foi violado pelos espanhóis quando, andando despreocupadamente, Biohó foi surpreendido por um guarda da muralha e aprisionado. Em 1621 ele foi enforcado – no entanto, o quilombo seguiu isolado, sem contato com os soldados da Coroa espanhola.

O assentamento ficou conhecido como Palenque de São Basílio. [Os negros mantiveram muito de sua cultura africana original e desenvolveram uma língua própria, misturando os dialetos trazidos da África com o espanhol, e Benkos Biohó se tornou o símbolo da liberdade dos afro-latinos.](#) Infelizmente, muita gente ainda não conhece seu nome e seu legado, mas descobrir a sua história é resgatar a nossa própria história e identidade na América Latina.



Zacimba estabeleceu o primeiro quilombo do Espírito Santo.

5



ZACIMBA, A PRINCESA GUERREIRA QUE INVADIA NAVIOS NEGREIROS

PARA NÃO FALAR QUE SOMENTE OS HOMENS SE TORNARAM
HERÓIS DA RAÇA NEGRA, VOU CONTAR A HISTÓRIA DE UMA
PRINCESA AFRICANA QUE FOI ESCRAVIZADA NO BRASIL.
NENHUMA CORRENTE PÔDE APRISIONAR O ESPÍRITO E A
REALEZA DE ZACIMBA GABA.

Zacimba, princesa da nação de Cambinda, em Angola, foi comprada por José Trancoso no porto de São Mateus, no Espírito Santo, em 1690. No começo o barão não tinha ideia de quem ela era, mas logo percebeu que os negros tratavam a menina de forma diferente. Então, José trancafiou a princesa, humilhando-a, estuprando-a e torturando-a para amedrontar os escravos. Ameaçava fazer coisas piores e a proibiu de sair da casa-grande.

Os escravos começaram a articular uma revolta contra o crápula. Liderados por sua princesa, ajudaram Zacimba a envenenar o barão com “pó pra amansar sinhô”, feito a partir da cabeça de uma jararaca torrada e moída. Os negros fugiram e formaram um quilombo, onde hoje está o município de Itaúnas, no Espírito Santo. E não pararam por aí.

A INVASÃO AOS NAVIOS

Reza a lenda que durante as noites mais escuras, Zacimba e os quilombolas usavam canoas para invadir embarcações e libertar outros irmãos. Era comum que esses navios precisassem esperar a maré subir para chegar ao rio Cricaré e desembarcar. Durante a espera, quando o sol se escondia, os guerreiros de Zacimba atacavam pelos flancos e pegavam os marinheiros totalmente desprevenidos.

O sucesso dos ataques afastou muitos navios negreiros da região. O facão ágil da princesa quilombola não desapontou por uma década. Seu plano, liderança e obstinação incendiavam os outros negros que se lançavam na luta com orgulho.

Sua morte se deu em um desses enfrentamentos, mas seu legado reside até hoje na figura da primeira heroína de São Mateus e do povo africano na diáspora.



CABINDA.



QUILOA.

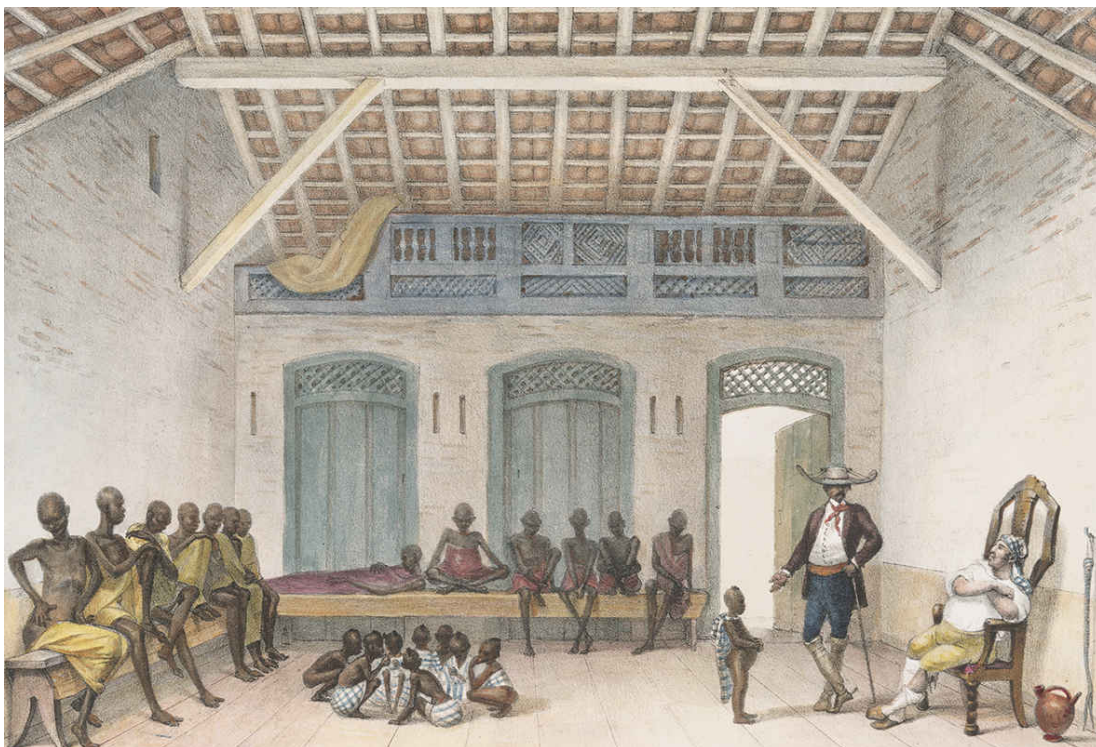


REBOLA.

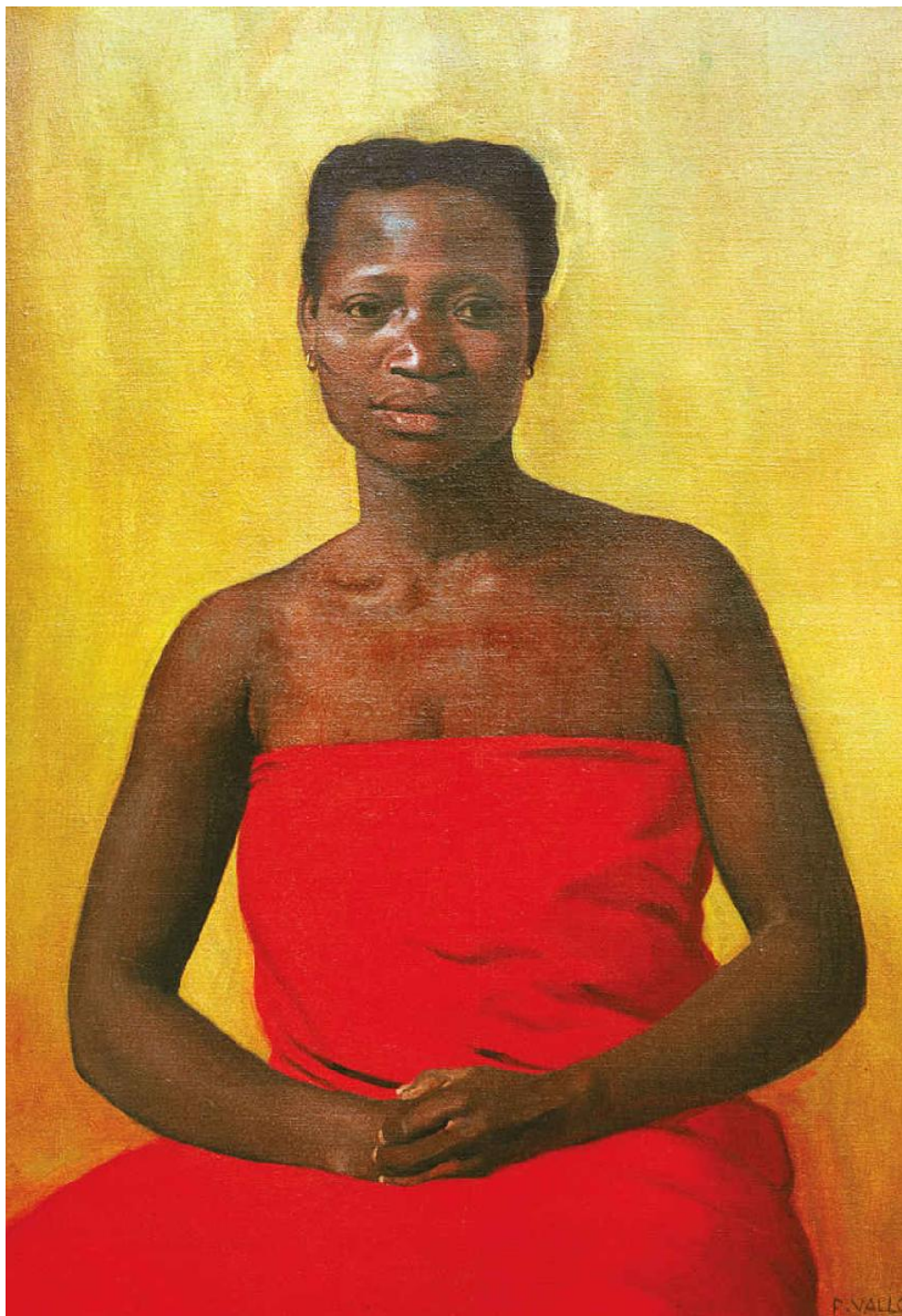


MINA.

Pinturas de Johann Moritz Rugendas (c. 1835), reproduzindo o perfil de algumas etnias de escravos negros no Brasil.



Em parte de suas obras, Jean-Baptiste Debret apresentou ao mundo um Brasil que prosperou sustentado pela escravidão de homens, mulheres e crianças negras.



Tereza de Benguela: rainha de um dos quilombos mais famosos do Mato Grosso e símbolo do poder que carrega consigo a mulher preta.

6

D

TEREZA DE BENGUELA E O MATRIARCADO NO QUILOMBO DO PIOLHO

MUITOS DETALHES DA HISTÓRIA DA RAINHA TEREZA DESAPARECERAM COM O APAGAMENTO HISTÓRICO QUE AS NARRATIVAS NEGRAS SOFRERAM AO LONGO DOS ANOS. NÃO HÁ INDÍCIOS DO LOCAL DO SEU NASCIMENTO, SE NA ÁFRICA OU NO BRASIL. O QUE SABEMOS É QUE ELA VIVEU NO VALE DO GUAPORÉ, EM MATO GROSSO. SEUS FEITOS NOS LEVAM PARA O SÉCULO XVIII, NO QUILOMBO DO PIOLHO, OU QUARITERÊ, UMA COMUNIDADE QUE ABRIGAVA NEGROS DOS DOIS CONTINENTES, ALÉM DE ÍNDIOS E CAFUZOS.

Inicialmente, o quilombo – localizado próximo ao rio Piolho, em Mato Grosso – era liderado por José Piolho. O local só foi descoberto em 1770 por bandeirantes que caçavam a liberdade dos negros. Contam alguns que José Piolho sucumbiu em combate durante uma das invasões. Então Tereza, sua esposa, tornou-se rainha, sem titubear na liderança. Todos reconheciam a sua grandeza.

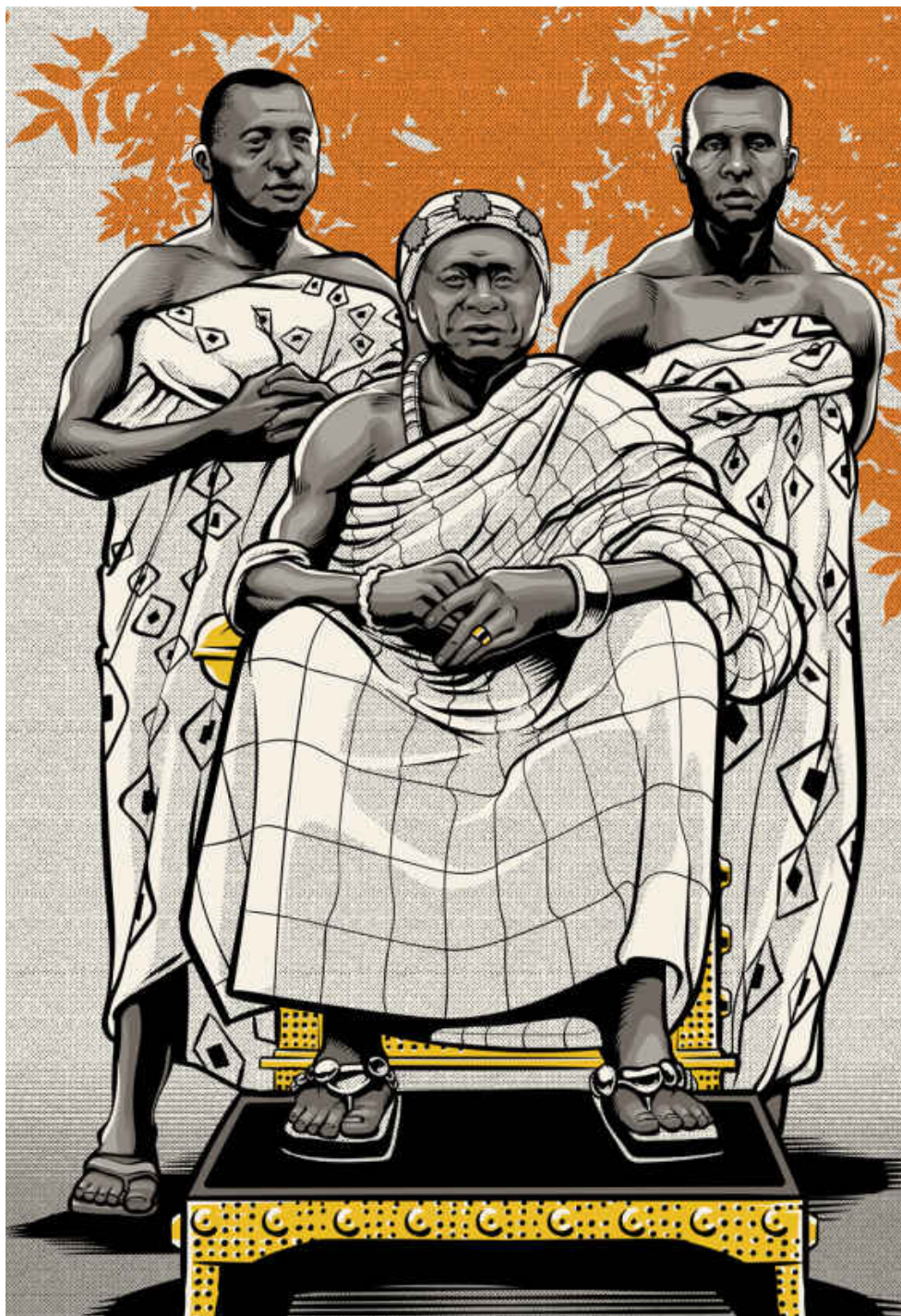
A matriarca coordenava a estrutura administrativa, econômica e política da comunidade por meio de um tipo de parlamento, com conselheiros escolhidos a dedo. Seu sistema de defesa usava armas roubadas dos brancos para assegurar a vida dos mais de cem habitantes do quilombo. Dizem também que os instrumentos da escravidão, ali, se tornavam artefatos para a agricultura e a forja, que era dominada pelos negros. *O algodão ajudava a tecer roupas e outros objetos que eram vendidos até mesmo fora do quilombo. Foram mais de vinte anos desenvolvendo a comunidade e afugentando a Coroa portuguesa.* Até que, em 1770, uma bandeira chefiada por Luís Pinto de Sousa Coutinho estourou o local e aprisionou a maioria dos integrantes.

O PODER DA MULHER NEGRA

Nesse ponto da história, novamente, as coisas divergem. Há quem conte que Tereza foi morta e sua cabeça pendurada no quilombo, mas também há quem diga que ela se suicidou. Após sua morte, o quilombo tentou se reerguer, mas ataques derradeiros em 1791 impediram sua reconstrução. Tereza de Benguela se tornou o símbolo do poder e da alma da mulher preta, intransponível pelos açoitamentos da história. Uma lei de 2014 instituiu o dia 25 de julho como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra.



A força e a liderança da mulher negra é um legado roubado pelos historiadores eurocêntricos ao longo do tempo, mas a oralidade e a resiliência afro lutam para resgatar essa história.



Osei Tutu, rei do Império Axânti e protagonista de uma política que buscava a unidade cultural do seu povo.

7

§

O TRONO DE OURO DO IMPÉRIO AXÂNTI

A HISTÓRIA QUE APRENDEMOS VALORIZA OS REIS DO
CONTINENTE EUROPEU E IGNORA AS NARRATIVAS HEROICAS
DOS GRANDES SUSERANOS DA ÁFRICA, MAS NESTE CAPÍTULO
VOU CONTAR A SAGA DE UM DOS MAIORES IMPERADORES
DO PLANETA. UM HOMEM QUE É QUASE UM DEUS PARA SEU
POVO: OSEI TUTU.

O povo axânti ou asante surgiu do grupo étnico akan, um dos mais antigos da história africana – sua origem data de mil anos a.C., segundo alguns registros históricos. Eles sempre tiveram uma organização militar e política complexa, com várias lideranças convivendo em um estado tributário. Sua tradição era passada de forma oral ou por aforismos impressos em tecidos conhecidos como *kente*, em que as cores e os padrões construía frases.

Apesar das riquezas culturais, as alianças entre os chefes de estados da região se mostraram frágeis. Por isso, Kofi Osei Tutu começou uma campanha de unificação das cidades. Osei chegou à liderança de um clã através da descendência matrilinear, em que a sucessão do poder segue a linhagem da mãe. Na tradição dos povos akan, são oito as ancestrais geradoras de todas as linhagens, que se dividem em grupos chamados abusua. Esse regime determinava também o acesso às terras e o lugar de residência das famílias.

Com o apoio do seu principal sacerdote, Okomfo Anokye, respeitado por seus poderes místicos, Osei unificou também os rituais e os costumes dos povos, a fim de que as tradições locais não interferissem em seus planos. Em um capítulo memorável dessa história, Okomfo teria invocado aos céus um banco dourado que repousou sobre os joelhos do novo rei. Esse trono, Sika Dwa Kofi, seria a materialização da alma de toda a nação e um símbolo sagrado de sua união.

Com o presságio milagroso, Osei unificou todos os povos do Império

Axânti no começo de 1701 e assumiu a figura de guia espiritual, político e militar do império. Então, montou um conselho com os antigos chefes de Estado. Durante seu reinado, o império triplicou de tamanho, se consolidando na região que hoje conhecemos como República de Gana. Osei morreu em 1717, mas seu reinado se estendeu por muito tempo. Bancos se tornaram símbolos de poder e começaram a ser ornamentados. O trono Sika Dwa Kofi foi passado por gerações.

O PACTO COMERCIAL

Por volta de 1814, os axânti mantinham relações comerciais com britânicos e holandeses, apesar de a presença dos europeus sempre despertar alguma tensão nos africanos. Para evitar que essa presença culminasse em guerra, os britânicos assinaram um tratado de paz liderado por Thomas Edward Bowdich em nome da Companhia Africana de Mercadores – um empreendimento britânico para a exploração da África. Para os axânti, o tratado era um pacto sagrado que não deveria ser violado, já para os britânicos, era apenas uma forma de ganhar tempo e preparar o terreno para a guerra.

Várias situações abalaram essa relação. Em 1823, a guerra estourou contra o governador britânico sir Charles MacCarthy. Os axânti acuararam as tropas inimigas e o conflito foi sendo gerenciado entre conquistas e perdas de territórios. Até que, em 1873, o major-general sir Garnet Wolseley decidiu que Kumase deveria ser destruída como forma de punição ao Império Axânti.

A invasão completa só aconteceu em 1896, com o general Robert Baden-Powell. A Grã-Bretanha tentou dissolver a unicidade do povo axânti, impedindo que novos reis fossem proclamados, e colocou um de seus ministros no controle da cidade de Kumase, sede do governo escolhida por Osei Tutu. *Por anos, enquanto líderes axânti eram exilados, o povo se mantinha esperançoso, porque o símbolo de sua alma, o trono de ouro, nunca fora encontrado pelos britânicos.*

Em 1900, a rainha-mãe Yaa Asantewaa liderou uma ofensiva contra o forte britânico construído em Kumase. Chamada de Guerra do Banco de Ouro, muitos líderes axânti foram mortos, incluindo a rainha. Mas tamanha resistência forçou os europeus a considerarem um protetorado para o povo axânti em 1902, permitindo o retorno do rei Asantehene Prempeh em 1924 e a restauração de um reino axânti em 1935.

Até hoje, em uma cerimônia chamada Aday Kese, o banco de ouro é exibido em uma procissão. O reino é protegido na Constituição da República de Gana e foi estabelecido com a independência total das colônias em 1957, na região onde existiram, no passado, os impérios dos povos akan. Osei nunca será esquecido.

Conheça mais sobre o povo axânti neste documentário da BBC clicando [AQUI](#).



Dragão do Mar ajudou a abolir a escravidão no Ceará quatro anos antes da Lei Áurea e fez do Nordeste a vanguarda da liberdade no Brasil.

8



A FÚRIA DO ABOLICIONISTA CONHECIDO COMO DRAGÃO DO MAR

MUITA GENTE NÃO SABE, MAS O BRASIL TEM HISTÓRIAS DE
ABOLICIONISTAS QUE FARIAM QUALQUER NEGRO
ESTREMECER E ACENDER UMA CHAMA ANCESTRAL DE
ORGULHO DE NOSSA LUTA. UMA DELAS SERÁ CONTADA
NESTE CAPÍTULO, A DE UM GUERREIRO DESTEMIDO
CONHECIDO COMO UMA FERA MITOLÓGICA: O DRAGÃO DO
MAR.

Esta lenda nasceu na praia de Canoa Quebrada, em Aracati, no Ceará. Filho de pescador e de uma tradicional rendeira chamada Matilde, seu nome era Francisco, mas o garoto logo recebeu o apelido de Chico da Matilde.

Aracati era considerada um ponto militar importante para o Brasil. Vários postos foram erguidos lá a partir de 1600, incluindo o Presídio de Coroa Quebrada, na mesma praia em que nascera Francisco. A atividade naval, fosse para pesca ou grandes comércios, esteve presente na cultura daquele local desde que os portugueses encontraram os potiguara, nativos indígenas que habitavam a região.

O pai de Francisco morreu em meio aos seringais durante uma viagem à Amazônia. Sua mãe, sem condições de criá-lo, entregou o filho para o dono de uma embarcação. O menino passou a trabalhar cedo, tornando-se garoto de recados a bordo do veleiro *Tubarão*. Lá, aprendeu de tudo e teve contato com as mazelas do tráfico negreiro, ganhando consciência das barbaridades que eram cometidas.

Em 1870, Francisco foi morar em Fortaleza, casou-se e comprou algumas jangadas, conseguindo trabalhar como prático do porto. As jangadas

eram importantes para desembarcar escravos e outras mercadorias dos navios: os barcos precisavam atracar um pouco afastados da praia e transportar pessoas e mercadorias pelas jangadas até a terra firme.

A SECA E O MOVIMENTO ABOLICIONISTA

No Ceará existe uma personagem soturna que acompanha a história do estado: a seca. Durante três anos, ela matou tanta gente que os escravagistas não conseguiam mais manter suas fazendas e, conseqüentemente, suas senzalas. Muitos libertaram os escravos, outros os venderam para o Sul e o Sudeste. A violência da seca atingiu a região, propiciando o alastramento de enfermidades – mais de um quarto da população morreu de varíola e cólera entre 1877 e 1879.

A imagem terrível dos cativos acorrentados dirigindo-se para o porto de Fortaleza a fim de embarcarem nas jangadas e, posteriormente, nos navios em direção ao Sul, mobilizou sociedades civis engajadas na luta abolicionista. As pessoas da cidade, que também enfrentavam a fome e a morte por causa da seca, foram tocadas de compaixão pela dor dos escravos que, além de sofrerem por toda uma vida de trabalho forçado, agora se deparavam com a separação forçada da terra em que estavam acostumados e na qual tinham começado a construir relações. Um dos setores que se mobilizou para acabar com esse tormento foi a Sociedade Cearense Libertadora, presidida por João Cordeiro, que havia conhecido Chico da Matilde na campanha de apoio às vítimas da seca entre 1877 e 1879. Seu estatuto declarava que “a Sociedade libertará escravos por todos os meios ao seu alcance”, além disso contavam com um jornal próprio, o *Libertador*, de 1881.

Em uma das reuniões da Sociedade surgiu a ideia de realizar uma greve de jangadeiros, afinal, se eles não embarcassem escravos, não haveria comércio. A primeira greve foi bem-sucedida, mas não o bastante. Foi quando Chico da Matilde então apareceu, assumindo a liderança dos jangadeiros na greve do porto. Jangadeiros, abolicionistas e população se uniram para acabar com a violência. Há relatos de um ataque que impediu que duas escravas, de 42 e 12 anos, fossem levadas para o embarque por um militar. Nessa ocasião, Chico foi demitido e passou a ser considerado um símbolo da resistência popular.

Sua fúria aumentou e sua barreira tornou-se inviolável. O movimento se espalhou por todo Ceará, não deixando outra alternativa para os fazendeiros senão concordar com a abolição. Assim, o estado libertou seus escravos quatro anos antes da lei que decretou a liberdade por todo o país. Chico da Matilde passou a ser conhecido como Dragão do Mar ou

Navegante Negro, e até hoje seu nome é celebrado em escolas, teatros e em exposições como resistência popular cearense contra a escravidão.



Ota Benga confinado com um chimpanzé: representação viva do estereótipo criado para o negro e da comparação a macacos.

9

9

A TRAGÉDIA DE UM PIGMEU ENCARCERADO COMO MACACO

OS DANOS PSICOLÓGICOS PRODUZIDOS PELO RACISMO NO
POVO PRETO SÃO EXTREMAMENTE PODEROSOS. MUITOS
SÃO LEVADOS À AUTODESTRUÇÃO SILENCIOSA DE FORMA
DESESPERADA. OUTROS, ACABAM COM SUAS VIDAS. ESTE
CAPÍTULO É SOBRE A TRÁGICA VIDA DE OTA BENGÁ,
ENJAULADO E EXIBIDO COMO UM MACACO.

Ota Benga nasceu entre os mbuti, ou bambuti, um grupo de caçadores-coletores que viveu nas áreas mais remotas da floresta de Ituri, na região em que hoje fica o Congo. Você provavelmente já ouviu falar desse povo pelo nome de “pigmeus”, conhecidos por sua pequena estatura, para a qual existem várias explicações, mas nenhuma conclusiva. Para os estrangeiros, a floresta de Ituri pode parecer um lugar tenebroso, mas para os mbuti ela é sagrada e eles se reconhecem como seus filhos.

Em 1904, um grupo de mbuti foi sequestrado da floresta e levado para os Estados Unidos. Isso aconteceu após a Force Publique, força militar criada pelo rei belga Leopoldo II, atacar a região. Esse grupo militar era formado por mercenários africanos que atuavam no estado Congo Belga. Por ser um povo que se dividia em grupos de, no máximo, sessenta pessoas, o ataque os deixou completamente fragilizados. Ota Benga, com 23 anos, estava entre os sequestrados que atravessaram o Atlântico como escravos. Apesar de a estatura lhe conferir a aparência de uma criança, o mbuti havia sido casado duas vezes. Sua primeira família (mulher e filhos) foram mortos por colonizadores brancos, e a segunda esposa morreu envenenada após ser picada por uma cobra.



Para aproximá-lo do conceito de selvagem e da ideia reforçada pelo racismo científico de que negros eram iguais a animais selvagens, os dentes de Ota Benga foram limados.

Esse grupo militar era formado por mercenários africanos que atuavam no estado Congo Belga. Por ser um povo que se dividia em grupos de, no máximo, sessenta pessoas, o ataque os deixou completamente fragilizados. Ota Benga, com 23 anos, estava entre os sequestrados que atravessaram o Atlântico como escravos. Apesar de a estatura lhe conferir a aparência de uma criança, o mbuti havia sido casado duas vezes. Sua primeira família (mulher e filhos) foram mortos por colonizadores brancos, e a segunda esposa morreu envenenada após ser picada por uma cobra.

Como já vimos, os supremacistas da época tinham o terrível costume

de exibir de negros em zoológicos humanos. E foi assim que Ota Benga se tornou atração na Exposição Universal de 1904 em St. Louis, com outros pigmeus. A intenção da exposição era ser extremamente científica e mostrar as etapas da “evolução humana” e, por isso, faziam questão de exibir os homens pretos de pele mais retinta possível para contrastar com os brancos. Foram dois anos viajando em exposições. Em 1906, Ota começou a ser exibido junto de macacos do Zoológico do Bronx. Seu pequeno tamanho, próximo de um metro e meio, facilitava a comparação com os primatas e ajudava um dos piores homens da história, o diretor do zoológico William Temple Hornaday, a promover a sádica ciência racial que estava sendo desenvolvida.

Com o tempo, o pigmeu foi obrigado a viver em uma gaiola de chimpanzé, acompanhado por um orangotango chamado Dohang, que deveria carregar para todo lado. Os absurdos iam além do encarceramento. Seus dentes foram limados para ganharem um formato pontiagudo, aproximando o pigmeu do conceito de “besta” que a ciência racial queria construir para os negros. O *Minneapolis Journal* publicou uma fotografia de Benga segurando um macaco e afirmou: “Ele está prestes a se aproximar do elo perdido como nenhuma outra espécie humana já encontrada”.

TENTATIVAS DE LIBERTAÇÃO

Porém, as igrejas afro-americanas dos Estados Unidos usaram sua influência para liderar protestos e pressões em jornais em busca de impedir tal atrocidade. Liderados pelo reverendo James Gordon, alguns pastores formaram uma comitiva para tentar se comunicar com Ota. Frustrados, apenas conseguiram ler a tristeza na face do pequeno homem. “Achamos que somos dignos de sermos considerados seres humanos com almas”, afirmou. Enquanto isso, os norte-americanos brancos defendiam a exibição com a justificativa de se tratar de uma forma educacional de mostrar as diferenças raciais. Colocá-lo em exposição no zoológico promoveria os mais altos ideais da civilização moderna, como eles a idealizaram.

Tempos depois, John Henry Millholland, um rico nova-iorquino branco, empático com a causa negra e fundador da Liga da Constituição, grupo que protestava contra a privação de direitos dos negros no Sul, financiou o processo iniciado nos tribunais pelo reverendo James Gordon. Jornais afro-americanos começaram a pressionar a prefeitura e até mesmo o *The New York Times*, que defendeu a exposição racista, passou a publicar artigos citando os líderes negros e as investidas contra o zoológico. Benga também começou a recusar de forma violenta as apresentações. Sempre que tentavam devolvê-lo à gaiola, ele mordida, chutava e lutava para se libertar. Em pelo menos uma ocasião ele ameaçou os guardas com uma faca.

Assista [AQUI](#) a este documentário e conheça mais sobre Ota Benga.

Ao final de 1906, Ota Benga foi libertado de maneira silenciosa e enviado à um abrigo para pessoas negras, o Howard Coloured Orphan Asylum. Em 1910, houve uma tentativa de integrá-lo à sociedade. Em Lynchburg, na Virgínia, Ota Benga aprendeu inglês e passou a trabalhar e a sonhar com o retorno à África. Seu desejo, porém, nunca se concretizou. Com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, as viagens a passeio para fora do continente foram interrompidas. Deprimido, em 1916 acendeu uma fogueira, dançou de forma triste durante a noite e, então, dirigiu-se a um

galpão velho, onde disparou uma única bala em seu próprio coração.

1854

CRIOULO FUGIDO.

RS. 50U000



DE ALVIÇARAS

Anda fugido, desde o dia 18 de Outubro de 1854, o escravo crioulo de nome

FORTUNATO,

de 20 e tantos annos de idade, com falta de dentes na frente, com pouca ou nenhuma barba, baixo, reforçado, e picado de bexigas que teve ha poucos annos, é muito pachola, mal encarado, falla apressado e com a bocca cheia olhando para o chão; costuma ás vezes andar calçado intitulado-se forro, e dizendo chamar-se Fortunato Lopes da Silva. Sabe cozinhar, trabalhar de encadernador, e entende de plantações da roça, donde é natural. Quem o prender, entregar á prisão, e avisar na côrte ao seu senhor Eduardo Laemmert, rua da Quitanda n.º 77, receberá 50U000 de gratificação.

Rio de Janeiro. — Typ. Universal de LAEMMERT, Rua dos Invalidos, 61 B.

E. J.

Quandos os escravos fugiam, seus proprietários colocavam anúncios com oferta de recompensa pela captura.



Trabalhando nas minas de ouro, Chico Rei usou sua astúcia e genialidade para libertar inúmeros escravos.

10

\$

A REALEZA NEGRA QUE SURGIU DAS MINAS DE OURO PRETO

VOCÊ JÁ DEVE TER OUVIDO FALAR DA ENCENAÇÃO DA
COROAÇÃO DOS REIS DO CONGO, A CONGADA. CADA UMA
DELAS TRAZ UMA NARRATIVA DRAMÁTICA DE LUTA E PODER
PELO REINADO DOS NEGROS. ESTE CAPÍTULO IRÁ REVELAR
A HISTÓRIA DE UMA DAS FIGURAS MAIS MÍTICAS DO
IMAGINÁRIO NEGRO, CHICO REI.

Seu nome original era Galanga. Nasceu rei no Congo, mas foi escravizado e trazido para o Brasil em uma embarcação conhecida como *Madalena*. Não podemos esquecer como a viagem em si já era uma peleja desumana, em que muitos sucumbiram no caminho por causa de doenças, fome e desespero. O destino de Galanga foi ainda pior: quando uma tempestade surgiu, dificultando o trajeto, os portugueses, que temiam a ira e a vingança dos deuses africanos, resolveram jogar alguns escravos no mar. Galanga viu sua mulher, a rainha Djalô, e sua filha, a princesa Itulo, morrerem no oceano.

Tempos depois, os negros sobreviventes foram forçados a trabalhar em Vila Rica, nome que a cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, tinha na época. Como de costume, os brancos mudaram o nome do rei do Congo para destruir a memória de seu povo e sua linhagem. Galanga virou Francisco, e depois Chico. Ele trabalhou junto de seu filho durante muito tempo na mina Encardideira.

Chico tinha uma genialidade peculiar. Escondia ouro entre seus cabelos e passava batido pelos senhores de escravos, lavando a cabeça no final do dia para acumular seu próprio dinheiro. Nessa época, negros podiam comprar a sua liberdade: existiam vários escravos de ganho, ou seja, que tinham trabalhos remunerados e que deviam repassar parte do que ganhavam aos senhores.

O SEGREDO DA SANTA

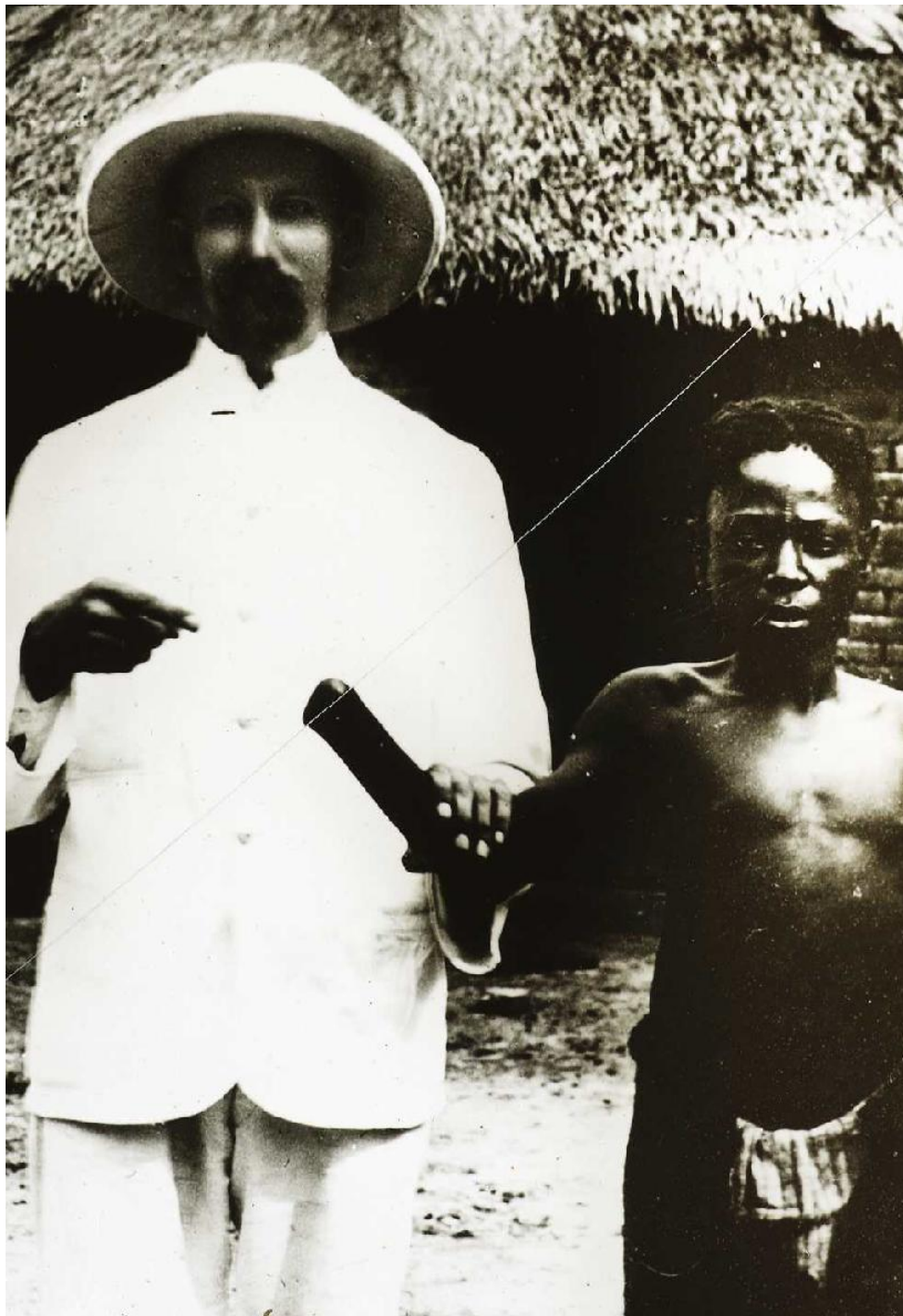
Chico era devoto de Santa Ifigênia, filha do rei etíope Égipo. A santa teria aparecido para ele na mina, e foi ela que mostrou que o ouro seria a chave da liberdade para ele e todos os seus irmãos africanos. O ouro que Chico lavou de seus cabelos foi tanto que ele pôde comprar a sua liberdade, a de seu filho e a de vários outros africanos, que logo reconheceram a sua realeza. Reconquistando seu reinado, o grupo de Chico criou uma irmandade devota à santa.

Em 1785, o grupo construiu a Igreja do Alto da Santa Cruz e a inauguraram com festas, danças e cantos que festejavam a alforria do seu povo – um prelúdio do que é atualmente a congada. Chico Rei morreu aos 72 anos de hepatite e seu filho assumiu o trono.

Não existem indícios históricos que comprovem todos esses fatos, mas qual historiador da época se alegraria com a narrativa de um rei negro no Brasil? Para o povo negro, Chico Rei se mantém vivo pela congada em Minas Gerais. Na festa, ele é coroado antes da missa cantada. Depois, aparece com a rainha e a corte, vestido de ricos trajes, e é seguido por dançarinos e músicos que utilizam caxambus e pandeiros. A história sempre foi contada pelo opressor, mas, hoje, a existência e o legado de Chico Rei são celebrados para não serem esquecidos.



Mina do Chico Rei, em Ouro Preto, Minas Gerais. O local é um importante ponto turístico e símbolo de seu legado.



O sanguinário rei Leopoldo II, da Bélgica, ao lado de uma das vítimas de suas atrocidades.

11



O GENOCÍDIO PROMOVIDO PELO REI LEOPOLDO NO CONGO

EXISTE MUITA INJUSTIÇA HISTÓRICA CONTRA O POVO
AFRICANO. HOVE ATOS TERRÍVEIS. MAS A MAIORIA DAS
ATROCIDADES LEMBRADAS EM HISTÓRIAS, FILMES E
DOCUMENTÁRIOS RETRATAM O POVO BRANCO, COMO O
HOLOCAUSTO JUDEU. ASSIM VEMOS COMO À VIDA DOS
NEGROS NÃO É DADA A IMPORTÂNCIA QUE DEVERIA
RECEBER.

Vários foram os crápulas e carrascos do povo africano durante o período escravagista. Um deles tornou-se a expressão viva do inferno na terra: Leopoldo Luís Filipe Maria Vítor, o segundo rei da Bélgica. Considerado na Europa como um monarca “filantropo”, Leopoldo II comprou terras na região do Congo para exploração comercial. Em seguida, criou a Associação Internacional do Congo, que aterrorizava vilas inteiras enquanto explorava marfim e borracha utilizando a mão de obra nativa.

É importante ressaltar que o mundo estava vivendo o boom da exploração da borracha desde 1890, e a região do Congo era rica em *Landolphia owariensis*, seringueira branca de onde era extraída a matéria para a criação da borracha. *As famílias que não alcançavam as metas impostas tinham seus membros decepados. Cestas cheias de mãos se tornaram símbolo do trabalho escravo e da punição que sofriam.*

No entanto, ninguém contou para as pessoas que sua terra havia sido vendida e que tinham se tornado propriedade desse rei. Leopoldo queria enriquecer a todo custo, visando lucrar o máximo que pudesse com o mínimo de recursos, usando toda a força e crueldade disponíveis para alcançar seus objetivos. As terras que ele adquiriu no Congo tinham uma área 75 vezes maior que a própria Bélgica, e a essa ocupação deu o nome de Estado Livre

do Congo.

Foi criada uma força pública de defesa, a Force Publique, composta por oficiais belgas e mercenários africanos. Um dos principais oficiais era Oscar Michaux, conhecido pelo nome africano Kibalanga. O exército de Leopoldo fazia alianças com etnias inimigas, colocando umas contra as outras, forjando acordos que posteriormente seriam quebrados para manter o seu poder. Eventualmente, alguns integrantes do exército tentavam amenizar as punições de seus iguais. Para evitar isso, Leopoldo criou exigências para provar que estavam sendo leais: precisavam apresentar as mãos decepadas de cada pessoa. Foi estipulado até um número de mãos para cada soldado, que deveriam levá-las em cestas. Vilas que se recusassem a trabalhar e entregar suas cotas eram completamente exterminadas. Nem a família dos próprios soldados era eximida do suplício. Soldados fizeram jovens matarem ou estuprarem suas próprias mães e irmãs. Se um homem não pudesse mais trabalhar ou fosse castigado com a perda das duas mãos ou dos pés, quem teria seus membros decepados seria sua mulher e seus filhos.

NÚMEROS DO TERROR

Além dos pagamentos já cobrados, muitas vezes mulheres eram sequestradas, sendo exigido também gado como resgate. Quando uma aldeia se rebelava ou não pagava a sua cota, a vila inteira era queimada, os homens degolados e as mulheres estupradas. “Bastava cem cabeças cortadas fora e a estação voltava a ser abastecida com fatura”, registram alguns relatos históricos. Não existe um número exato de mortos, mas as estimativas vão de oito a 20 milhões.

É importante fazer um comentário sobre esses números: o Congo era um país muito grande, com milhares de habitantes, mas obviamente os escravagistas europeus não tinham intenção alguma de promover enterros ou registros para esse povo. [Homens, mulheres e crianças que sucumbiram por conta da escravidão eram enterrados como indigentes ou queimados em uma vala qualquer.](#)

Após 1903, várias denúncias começaram a repercutir internacionalmente, o que rendeu uma investigação realizada pelo cônsul britânico no Congo, Roger Casement. Porém, apenas após uma foto de um congolês triste, Nsala, sentado na varanda da casa de um missionário, que o rei Leopoldo II foi afastado e obrigado a abrir mão de sua propriedade privada. Em 1908, o parlamento belga assumiu a administração do Estado Livre do Congo, agora sob o nome de Congo Belga. O povo só conseguiu sua independência na década de 1960 – sim, há menos de sessenta anos! –, mas a dinâmica de guerras e revoltas internas fundadas pela exploração belga não se dissipou.

Em muitos lugares as pessoas ainda citam Hitler como o maior dos algozes da humanidade. Como disse o rapper Emicida: “A dor dos judeus choca, a nossa gera piada”.

Veja [AQUI](#) o clipe da música *Bang!*, de Emicida.



Sarah "Saartjie" Baartman, a Vênus Negra. Exposta e abusada de forma degradante na Europa, Saartjie nos revela a desumanidade do racismo contra as mulheres negras.

12



VÊNUS NEGRA, A HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER PRETA

A HIPERSEXUALIZAÇÃO DO CORPO NEGRO FEMININO
EXPRESSO, POR EXEMPLO, NO ESTEREÓTIPO DA MULATA, É
UMA DAS MAIORES FERIDAS DEIXADAS PELO RACISMO. É
UMA IMAGEM TÃO IMPREGNADA NA PSIQUE BRASILEIRA QUE
AS PESSOAS NÃO PERCEBEM QUANDO ESTÃO
REPRODUZINDO ESSA EXPRESSÃO RACISTA. ESTA HISTÓRIA
MOSTRA COMO OS EUROPEUS TRATAVAM COM
DESUMANIDADE MULHERES PRETAS, EM ESPECIAL UMA
DELAS, CONHECIDA COMO VÊNUS NEGRA.

Há cerca de duzentos anos, holandeses se depararam com diferentes grupos africanos: os khoikhoi e os san, descendentes dos primeiros caçadores-coletores, e os khoisan, pastores que habitaram a África dezenas de milhares de anos atrás. A anatomia dos khoisan varia ligeiramente dos outros povos africanos: sua estatura tende a ser mais baixa, e as mulheres, em geral, têm grandes nádegas. Os primeiros holandeses que chegaram na região dos khoisan chamaram esse povo pejorativamente de “hotentote” (do alemão, que significa “gago”), devido à peculiaridade da língua falada, cujo som parecia o de cliques ou estalos.

Várias dessas mulheres foram capturadas para as tenebrosas turnês pela Europa. Uma delas era Sarah “Saartjie” Baartman, que ficou conhecida na Europa como a Vênus Hotentote por seu padrão físico tido como grotesco, não apenas pelo formato de suas nádegas, mas também por sua genitália.

Analfabeta, Sarah supostamente assinou um contrato com o cirurgião inglês William Dunlop e o empresário Hendrik Cesars, dono da casa em que ela trabalhava, aprovando sua exibição, e em 1810 foi levada para o Reino

Unido. A exibição em Londres causou escândalo e a sociedade filantrópica African Association levou o caso para os tribunais, mas em seu depoimento a própria Sarah alegou não se sentir ofendida. Há historiadores que apontam que o depoimento poderia ter se dado sob coerção, por medo de sofrer castigos. Ela vivia enjaulada, era obrigada a subir no palco e a mexer sua bunda, deixando-se ser tocada por qualquer curioso ou perverso que pagasse um pouco mais. Em 1814, foi vendida a um domador de animais francês, que a exibia totalmente nua.

A BIOLOGIA RACIAL

A Vênus Hotentote foi exposta para multidões de pessoas, a maioria homens embriagados que a apalpavam. Foi zombada e caricaturada em vários desenhos. Até mesmo cientistas acabaram atraídos pela exposição e fizeram inúmeras teses de como as dimensões corporais de mulheres negras se aproximavam às de animais. Nesse período, estava sendo fundamentada a biologia racial, que já discutimos no início deste livro. Apesar de ser tratada hoje como pseudociência, na época era parte do conhecimento formal da ciência tradicional. Entre 1814 e 1870, houve pelo menos sete publicações científicas em que a anatomia dos corpos de mulheres negras era comparada a de mulheres brancas.

Caricaturas produzidas exageravam suas proporções, com a intenção racista de marcar a diferença entre as mulheres negras e as brancas, tidas como civilizadas e humanas. Essas apresentações feriam a alma da khoisan. Sarah passou a beber e a fumar sem parar, e provavelmente foi prostituída. Morreu em 29 de dezembro de 1815, aos 26 anos, acometida por uma “doença inflamatória indeterminada”. Acredita-se, atualmente, que foi resultado de pneumonia, sífilis ou alcoolismo.

Até 1974, era exposto no Museu do Homem de Paris um modelo de gesso do corpo de Sarah, que o naturalista Georges Cuvier fez antes de dissecá-lo. Ele também preservou o esqueleto e colocou o cérebro e seus órgãos genitais em frascos, que foram exibidos em 1817 na Academia Nacional de Medicina da França. Cuvier foi um dos primeiros pensadores a oficializar em uma publicação o termo “raça” no conceito moderno. Sua obra sobre Sarah fundamentou muitas das teorias racistas que a ciência viria a desenvolver posteriormente.

Em 1994, o líder sul-africano Nelson Mandela exigiu a devolução dos restos mortais da khoisan para a África. Enfim Sarah Baartman foi enterrada em Hankey, na província onde nasceu. Vários livros foram escritos sobre essa história absurda que o racismo europeu promoveu. O filme *Vênus negra* é dramático e requer estômago para ser assistido, mas é uma ótima indicação para entender esta narrativa tão trágica.



O reino de Axum, atual Etiópia, foi um dos mais poderosos da África. A realeza acreditava ser descendente do rei Salomão e da rainha Makeda.

13

p°

ZION, A TERRA PROMETIDA PARA OS IMPERADORES DA ETIÓPIA, E BOB MARLEY

VOCÊ JÁ OUVIU BOB MARLEY E SE DEPAROU COM VÁRIAS
REFERÊNCIAS AO LEÃO DE ZION? EM 1973, O CANTOR
JAMAICANO GRAVOU IRON LION ZION, QUE TRAZ À TONA
SUA CRENÇA NO MOVIMENTO RASTAFÁRI. ENTENDA QUAL É
ESSA CRENÇA E CONHEÇA A TERRA PROMETIDA DE SUAS
CANÇÕES.

A Etiópia é um dos pontos mais importantes para a humanidade. Anteriormente conhecida como Reino de Axum, ou Askum, foi um dos mais poderosos reinos que já existiu na África e o primeiro império cristão da humanidade. No século IV, alcançou seu auge e a sua grandeza era observada por todos: o reino mantinha rotas de comércio que iam da Índia à Península Arábica e uma dinastia com uma origem surpreendente.

Os reis etíopes acreditavam ser descendentes do rei Salomão e da rainha Makeda. Provavelmente você irá se lembrar dessa poderosa mulher pelo título Rainha de Sabá. Esta narrativa está descrita no *Kebra Negast*, que traduzimos como *Glória dos reis*, um conjunto de lendas sobre a dinastia salomônica. Esse livro, considerado de inspiração divina, estabelece os etíopes como descendentes das tradições de Israel e profetiza a ascensão do seu reino sobre o de Roma e o dos judeus, em Jerusalém.

Durante o fim do século XIX, várias correntes ideológicas e políticas procuraram resgatar a origem dos povos negros e faziam apelos para que o povo da diáspora voltasse à África. Uma das principais foi o Movimento

Etíope, que surgiu na África do Sul quando dois grupos se separaram das igrejas anglicana e metodista. Esse resgate se intensificou em 1925 por conta de um nome muito importante na história negra mundial: Marcus Garvey. Ele impactou diversos movimentos quando, no Harlem, em Nova York, Estados Unidos, fundou a Associação Universal para o Progresso Negro (UNIA).

Garvey colocou fogo na alma e na mente de muitas pessoas com uma profecia sobre um rei que seria coroado na África para libertar todo o povo negro da colonização. Um de seus inspirados seguidores foi o jamaicano Leonard Howell, que passou anos como integrante da UNIA e chegou a ser preso e deportado dos Estados Unidos, por conta de sua mensagem sobre o poder negro e o anticolonialismo. Na Jamaica, Howell começou a pregar o que foi chamado de “rastalogia”, a teologia do movimento rastafári, e é conhecido por muitos como “O primeiro rastafári”. Sua crença refere-se a Deus como Jah, e o antigo imperador da Etiópia, Haile Selassie, como seu messias, ou mesmo sua encarnação. A profecia de Garvey levou muita gente a crer que Haile era o escolhido – e vem daí o termo “rastafári”, que deriva de seu nome original, Tafari Makonnen, junto da palavra “ras”, que significa “rei” ou “príncipe”.

O MOVIMENTO RASTAFÁRI

“Zion” é uma palavra de origem hebraica que significa “cume”, e geralmente se refere a uma das colinas de Jerusalém onde teria existido o Templo de Salomão, local escolhido por Deus na tradição cristã. Na reinterpretação do movimento rastafári e na profecia de Garvey, essa Terra Prometida seria a própria Etiópia. **Rastas refletem nela seu desejo de escapar da dominação e da degradação que eles experimentaram na Babilônia, simbolizando todo o processo de colonização e escravização dos negros.** Não existe um papa rasta, nem um cânone religioso ou catecismo. Aliás, eles enxergam cristãos brancos com muita desconfiança, já que os rastas não acreditam que oprimidos e opressores possam servir ao mesmo Deus.

Talvez por não haver um modelo de evangelização ou pelos conflitos políticos que a Jamaica enfrentou na época de seu surgimento, o movimento se manteve retraído até a década de 1960, quando vários cantores de reggae se tornaram rastafári. Foi assim que Bob Marley ajudou a popularizar a ideologia do movimento, não apenas dentro da Jamaica, mas por todo o mundo.

Na cultura pop, Zion aparece na trilogia de filmes *Matrix* como refúgio dos últimos humanos – por isso eles eram negros. Essa referência também estava na série de livros *Neuromancer*, de William Gibson, que inspirou os filmes. Infelizmente, Gibson não foi capaz de fugir ao racismo de sua época e criou os personagens de Zion com trejeitos e dialetos rudimentares, em uma visão preconceituosa da cultura negra. Já as irmãs Wachowski, diretoras de *Matrix*, conseguiram um bom resultado com sua adaptação.

Outra referência na cultura pop é a música *To Zion*, da cantora americana Lauryn Hill, em que ela diz: “Agora a felicidade do meu mundo está em Zion/ Como se nada fosse mais belo do que esperar na porta de Zion”. Lauryn nunca se declarou adepta ao movimento rastafári, mas a música é dedicada ao seu primeiro filho, Zion, com seu marido Rohan Marley, filho de Bob Marley.



Bob Marley (1945-81) é o maior representante do reggae, um gênero musical que nasceu na Jamaica e deu voz a grupos marginalizados por meio de músicas que pregavam liberdade, paz, respeito e amor ao próximo.



Marcus Mosiah Garvey (1887-1940), um dos mais importantes ativistas da história do movimento negro, criou a Associação Universal para o Progresso Negro (UNIA) em Nova York, Estados Unidos, em 1925.



Na Revolução Farroupilha (1835-45), escravos lutaram ao lado de grandes proprietários de terras com a motivação de que estariam livres ao fim do conflito.

14

HE

A TRAIÇÃO DO EXÉRCITO RIO- GRANDENSE E A CHACINA DOS LANCEIROS NEGROS

UMA DAS GUERRAS MAIS IMPORTANTES DO PAÍS, A
REVOLUÇÃO FARROUPILHA, FOI TAMBÉM PALCO DE UMA
DAS HISTÓRIAS MAIS CONTROVERSAS, DESLEAIS E
INTRAGÁVEIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA. NEGROS QUE
LUTARAM COM O EXÉRCITO DO RIO GRANDE DO SUL
RECEBERAM A MORTE COMO RECOMPENSA NO MASSACRE
DE PORONGOS.

Tudo começou na ocasião da famosa Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha (1835-45), que colocou o Império contra os rio-grandenses proprietários de terras, que lutavam pela autonomia provincial. Na época, o Brasil era dividido em províncias e o Rio Grande do Sul era a província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Os farrapos, como ficaram conhecidos, eram os insurgentes gaúchos que queriam independência, proprietários rurais que reivindicavam a diminuição dos impostos e das taxas de exportação. A província já tinha um amplo histórico de divisões ideológicas com o governo regente e por várias vezes tentou instaurar um governo próprio.

Eram muitas as frentes de batalha: enquanto algumas tentavam destituir o presidente provincial em Porto Alegre, outras confrontavam o exército do Império. Quando a revolução tomou caráter separatista, foi proclamada a República Rio-Grandense, em 1835. Com uma nova república, as regras poderiam ser diferentes, inclusive as leis sobre a escravidão. Mas engana-se quem acredita que os rio-grandenses eram abolicionistas ou

visionários da liberdade para todos. A guerra, que já durava anos, necessitava de recursos bélicos e principalmente de soldados.

A princípio, os negros mantiveram seu trabalho escravo, mas logo foram convidados para a luta pela nova república sob a promessa de que receberiam a liberdade quando a guerra chegasse ao fim. *Morrer no campo de batalha era melhor do que no tronco com grilhões, e muitos agarraram a chance com fervor.* Dois corpos militares foram criados com mais de quatrocentos homens que vinham inicialmente dos atuais municípios de Canguçu, Piratini, Pedro Osório, Arroio Grande, entre outros. Infelizmente, nem todos os rio-grandenses estavam empenhados em cumprir a sua promessa. A grande maioria dos negros não foi liberta pelos farrapos; esses, no máximo, venderam sua mão de obra para a guerra.

Os negros nunca tiveram os mesmos ideais da República Rio-Grandense, só estavam ali por sua sobrevivência e pela esperança de liberdade. Apesar disso, lutaram com ferocidade e aterrorizaram os militares do Império. “Nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo”, disse Giuseppe Garibaldi, na biografia do líder gaúcho escrita por Alexandre Dumas. Participaram de batalhas importantes, como a Batalha do Seival, quando os revoltosos gaúchos enfrentaram as tropas imperiais para derrubar o presidente da província.

A GRANDE TRAIÇÃO

Com quase dez anos de duração, o conflito estava sendo danoso para ambos os lados, já que o Império não reconhecia aquela província como República. Então, uma tentativa de finalizar o conflito de forma diplomática foi feita, com o Império prometendo até mesmo ressarcir os gastos de alguns proprietários de terra. O tratado de paz começou a se consolidar entre o Império e a República Rio-Grandense, mas um grande impasse surgiu: o que fazer com os lanceiros negros que lutaram por quase uma década ao lado dos farrapos? **O Brasil não iria alforriar negros com treinamento militar. Alguns farroupilhas entregaram os negros de volta à escravidão.** Outros imaginaram que tal ação poderia deflagrar uma rebelião violenta, pois sabiam que escravizar novamente aqueles negros era traição.

Em 1844, Duque de Caxias, responsável pela iniciativa do tratado, e o general farroupilha David Canabarro encontraram uma solução para o conflito. Canabarro ordenou que os lanceiros negros montassem acampamento, desarmados, no local conhecido como Arroio Porongos, atualmente chamado de Pinheiro Machado. Na época os acampamentos eram segregados, dessa maneira os farroupilhas estavam em outro local e a ordem não parecia apresentar problema, já que um tratado de paz estava para se concretizar. Porém, na madrugada do dia 14 de novembro daquele ano, os lanceiros negros foram atacados pelo exército imperial.

“No conflito poupe o sangue brasileiro quanto puder, particularmente da gente branca da Província ou índios, pois bem se sabe que essa pobre gente ainda pode ser útil no futuro.” Assim dizia a carta enviada por Duque de Caxias ao coronel Francisco Pedro de Abreu, que comandava o ataque covarde.

Essa traição ceifou a vida de mais de seiscentos soldados, assassinados pela tropa imperial. O Duque de Caxias tornou-se o patrono do Exército Brasileiro. Relembrar essa história é honrar os verdadeiros heróis da liberdade, que lutaram para destruir a sombra da escravidão para que pudessem viver em um país melhor.



Trazidos para o Brasil Colônia como escravos, os mandinga conheciam a escrita e eram mais instruídos que outros grupos africanos.

15

G

A ORIGEM DA MANDINGA NO BRASIL

UMA HISTÓRIA INTRIGANTE E QUE JÁ É BEM DIFUNDIDA FALA
SOBRE A ORIGEM DO TERMO “MANDINGA”. NO BRASIL, A
PALAVRA VIROU SINÔNIMO DE FEITIÇARIA. SUA ORIGEM NOS
LEVA ATÉ OS GRUPOS ISLÂMICOS DE NEGROS QUE VIVERAM
EM NOSSO PAÍS.

Existiu no Brasil colonial um grupo de negros islâmicos chamado malês, que em iorubá significa “muçulmanos”. O islã chegou à África apenas um século depois de seu surgimento como religião, começando pelo Egito no século VII, onde a língua e a cultura árabe criaram novos califados, e hoje é a religião com maior número de adeptos no continente. A natureza do islã sempre foi multicultural devido à região em que se originou – antigamente conhecida como Afro-Ásia – ser a interseção entre vários países da África e da Ásia, estabelecendo rotas comerciais que geravam um fluxo intenso.

Um dos grandes grupos étnicos africanos-muçulmanos era o dos mandinga. Quando eles chegaram ao Brasil, no século XVIII, se mostravam mais instruídos que os próprios senhores de escravos. Isso, claro, gerou um desconforto imenso, que tentou ser resolvido colocando-se os malês na posição de capitães do mato ou de escravos de ganho, para que realizassem tarefas remuneradas a terceiros, repassando parte da quantia recebida para seus senhores.

Era costume que todos carregassem no peito a “bolsa de mandinga”, um pequeno pedaço de couro com as inscrições de trechos do Alcorão, o livro sagrado do islã. Eles, inclusive, decoravam trechos do livro, em uma língua completamente estranha a todos.

O DISFARCE

Observando o acesso que essa etnia tinha à algumas cidades, muitos escravos fugidos passaram a se vestir como eles para andar livremente como um escravo de ganho. Alguns capitães do mato mandingas usavam seu conhecimento para reconhecer escravos fugidos disfarçados de malês: seguravam o amuleto e recitavam algum trecho do Alcorão, exigindo que o outro completasse suas palavras. Como os mandinga não tinham esse conhecimento, só era possível passar pelo teste usando magia. E foi assim que o termo “mandinga” ganhou, no Brasil, o sentido de “feitiçaria” para atingir coisas inexplicáveis.



No campo das artes visuais do Brasil no século XIX, a barbárie da escravidão era ocultada com a suavização dos traços negros para que se aproximassem do padrão estético idealizado na época, como

mostra esta obra de Johann Moritz Rugendas.



Inácio da Catingueira lutava com versos para alcançar a liberdade e o coração do povo negro.

16



INÁCIO, O ESCRAVO QUE VIROU UM CANTADOR-REI DO SERTÃO

ESTA É UMA HISTÓRIA DAQUELAS IMPOSSÍVEIS, DE UM
ES CRAVO QUE SE TORNOU UM LENDÁRIO CANTADOR-REI NA
PARAÍBA. MESMO SEM SABER LER OU ESCREVER, ELE
REVOLUCIONOU A VIDA DOS POETAS DO SERTÃO. COM UM
PANDEIRO NA MÃO, O NEGRO DEIXOU DE SER ESCRAVO PARA
SER CONHECIDO COMO INÁCIO DA CATINGUEIRA.

Não se sabe muito sobre o começo de sua vida. Há muita coisa que se mistura ao imaginário popular. De certo, Inácio viveu em um povoado conhecido como Catingueira, no século XIX. Nasceu em 1845, de Catarina, uma mulher africana que foi batizada somente aos 118 anos de idade.

A poética do cordel foi muito influenciada pelos cantadores de narrativas africanas, os griots, especificamente por bantos. A maior parte dos países africanos constituiu sua sociedade com base em tradições orais, mantendo suas histórias e também as habilidades de contá-las, bem guardadas pelos anciãos.

Reza a lenda que Inácio era tão preciso nos versos que o seu talento logo foi reconhecido pelo dono da fazenda em que ele vivia, a Bela Vista. Manoel Luiz, ambicioso que era, percebeu que teria mais proveito se o escravo saísse da lavoura para se apresentar nos vilarejos vizinhos. Há quem diga que Inácio se tornou um escravo de ganho, tendo a liberdade de andar e de ganhar dinheiro, mas repassando boa parte do que recebia para o seu dono. Dentro do contexto, era uma posição melhor para um negro. De tanto duelar com versos e vencer pela região, o nome do repentista ficou famoso.

Quem não gostou da fama de Inácio foi outro repentista, dono de uma pequena fazenda, que sustentava seus versos com uma viola em vez de um simples pandeiro. Romano da Mãe D'Água desafiou o escravo para aquele que foi conhecido como duelo de titãs na cidade de Patos, um vale-tudo pela honra do melhor cantador. Tão intensa foi a peleja que ela durou cerca de oito dias. A provocação foi a essência do desafio nas redondezas da Igreja da Conceição, na praça pública. A cidade toda se agitou para assistir. Padres e juízes determinariam o vencedor.

Romano usou a cor de Inácio para menosprezá-lo. Mas este retribuiu o desafeto com versos convictos de sua força:

**Seu Romano, eu lhe garanto
Que resisto ao seu martelo
Ao talho do seu facão
Ao corte do seu cutelo
Se eu morrer na peleja
Lhe vencerei no duelo**

Alguns historiadores contam que o fazendeiro apelou para uma estrofe repleta de mitologia grega, numa tentativa desleal de competir intelectualmente com um homem que nunca havia lido. Isso fez Inácio protestar com fúria, encerrando o duelo da seguinte forma:

**Seu Romano, desse jeito eu não posso acompanhá-lo
Se desse um nó em martelo viria eu desatá-lo
Mas como foi em ciência
Cante só que eu me calo**

A LENDA DA PELEJA

Existem várias versões para o desfecho do embate entre Inácio e Romano, cuja narrativa se espalhou em relatos de moradores, cordéis e outras pelejas na região. A historiadora Linda Lewin, da Universidade da Califórnia, pesquisou a vida do repentista Inácio e acredita que, apesar das desvantagens do duelo, ele foi o vencedor.

A peleja de Inácio com Romano é considerada o maior do duelo na história dos cantadores. Alguns dizem até que o negro ganhou alforria após esse episódio de sua vida. Anos depois, Inácio da Catingueira morreu de pneumonia e foi enterrado em uma praça no centro da cidade – hoje, a praça carrega seu nome e uma estátua em sua homenagem.

Recentemente, o rapper Emicida trouxe à tona o nome de Inácio da Catingueira em um de seus trabalhos: “Inácio parece uma resposta, mas é um convite à reflexão sobre quem são os reais inimigos dos que dizem lutar por igualdade, mas gastam seu tempo, munição e energia dando tiros em espelhos, que refletem a si mesmos”. Mais de 130 anos após a morte de Inácio, seu legado prevalece nas emboladas de coco, quando dois repentistas cantam ao som do pandeiro, e na trajetória de outros negros que carregam consigo o poder ancestral das narrativas orais.

Assista [AQUI](#) o clipe da música *Inácio da Catingueira*, de Emicida.



María Remedios del Valle lutou até o fim pela Independência da Argentina e se tornou uma heroína de guerra.

17



DEL VALLE, A MÃE DA PÁTRIA ARGENTINA

ALÉM DE SERVIREM COMO CORPOS PARA TRABALHOS FORÇADOS E VIOLÊNCIA, OS NEGROS SOFRERAM UM APAGAMENTO HISTÓRICO INTENSO NO CONTINENTE AMERICANO. O BRASIL AINDA CONSEGUE RESGATAR MAIS NARRATIVAS, POIS MUITAS PESSOAS PRETAS SOBREVIVERAM, O QUE NÃO ACONTECEU EM PAÍSES COMO A ARGENTINA. ENTRETANTO, AS HISTÓRIAS QUE ESTÃO SENDO ESCAVADAS RECENTEMENTE SÃO INSPIRADORAS. UMA DAS MAIS INTERESSANTES QUE CONHEÇO É A SAGA DA HEROÍNA MÃE DA PÁTRIA ARGENTINA.

María Remedios del Valle nasceu em Buenos Aires em 1768 e, junto de sua família, foi recrutada para lutar pela independência do país contra a Coroa espanhola. Trabalhou em serviços de enfermagem e organizando munições e armamentos em um acampamento destacado do principal. Seu marido e seu filho encontraram o infortúnio já nos primeiros combates, deixando María sozinha no mundo. Engana-se quem acredita que isso fez sua força e motivação diminuírem: ao contrário, a mulher continuou firme no Exército.

Em 1812, na Batalha de San Miguel de Tucumán, Del Valle solicitou ao general Manuel Belgrano permissão para cuidar das tropas na linha de frente. Subestimando a força da negra, seu pedido foi negado. Todavia, ela resolveu confrontá-lo, não apenas auxiliando na recuperação dos feridos, mas encorajando os soldados que, inspirados por seus brados, passaram a chamá-la de Mãe da Pátria. O general reconheceu seus esforços, concedendo-lhe o título de capitã.

HEROÍNA DE GUERRA

Na Batalha de Ayohuma ela foi ferida e aprisionada, porém, sem perder seu ímpeto guerreiro, ajudou feridos no cativeiro e organizou várias fugas. Quando descoberta, foi sentenciada a nove dias de açoites em público. **Reunindo forças sobre-humanas, María Remedios del Valle sobreviveu e voltou ao Exército, lutando até conquistar a Independência da Argentina.**

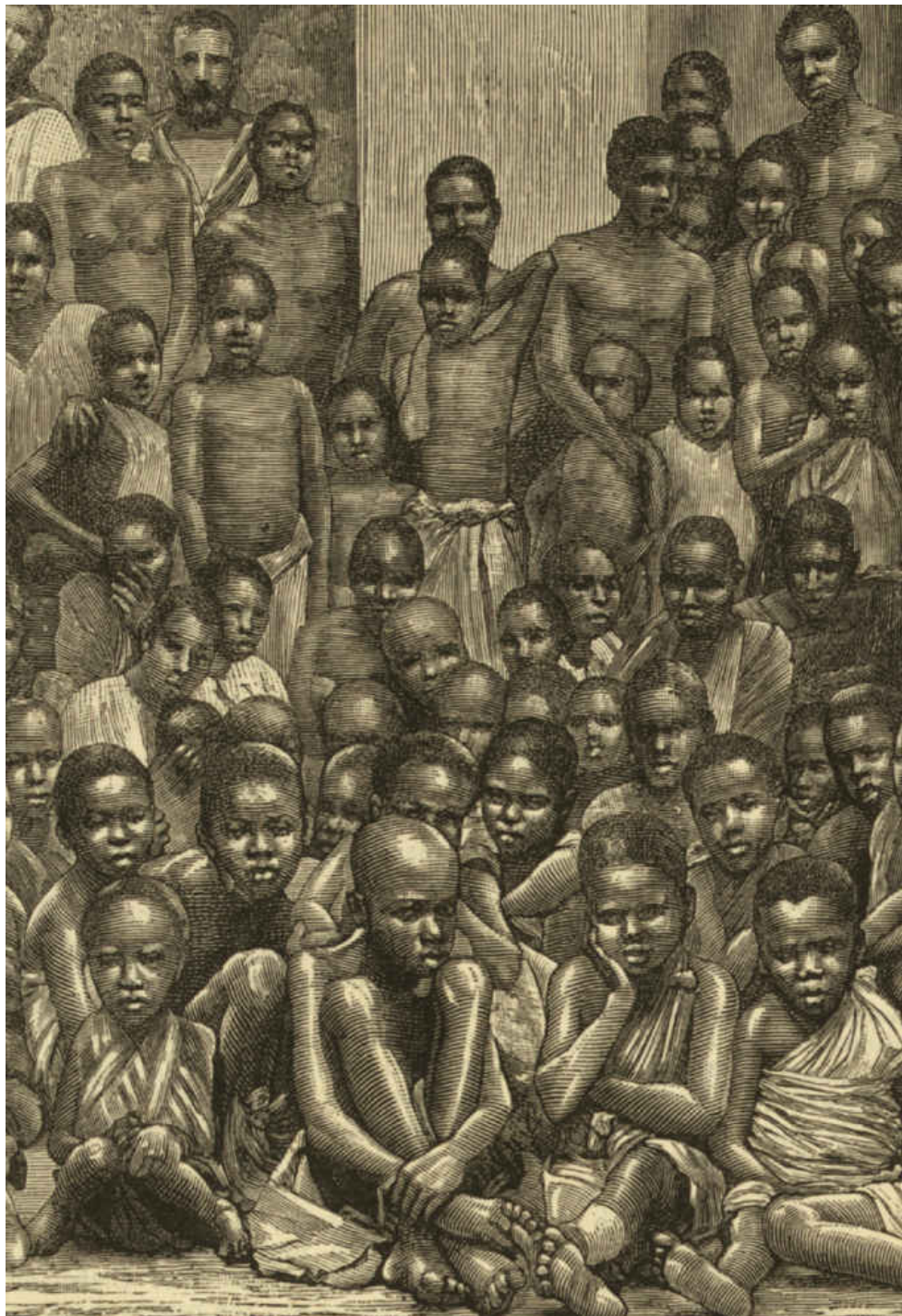
Com o término da guerra, María ficou totalmente desolada e passou a pedir esmolas para sobreviver. Tempos depois, alguns generais entraram com um processo para que o Exército lhe pagasse uma pensão por serviços prestados.

Somente após o século XXI, com o trabalho de historiadores e sociólogos negros, o país começou a resgatar a sua história. Desde 2013 é comemorado, no dia 8 de novembro, o Dia Nacional Afro-Argentino e da Cultura Africana em homenagem a María Remedios del Valle.

Pl. 9.



O pintor alemão Johann Moritz Rugendas registrou em seu livro *Viagem pitoresca ao interior do Brasil* (1835) diversos retratos de negros que não representavam a realidade dos escravos.



No século XIX, crianças eram escravizadas e transportadas em longas viagens de navio de forma desumana à América. A maioria delas não sobrevivia.

18

B

A DESOLAÇÃO DO POVO IGBO EM UM SUICÍDIO NAS ÁGUAS

NA ESCRAVIDÃO, A BUSCA PELA LIBERDADE NASCIA NO SEGUNDO EM QUE OS GRILHÕES SE FECHAVAM NOS PUNHOS DOS NEGROS. MUITOS LUTARAM PARA ENCONTRÁ-LA EM VIDA, MAS ESTA HISTÓRIA DESOLADORA É SOBRE AQUELES QUE SÓ A ENCONTRARAM POR MEIO DA PRÓPRIA MORTE NO EVENTO CONHECIDO COMO DESEMBARQUE IGBO.

É impossível contar quantas vidas africanas foram ceifadas pelo tráfico negreiro. A única estimativa é de quantos chegaram às Américas pelo Atlântico: 12,5 milhões. Porém, a mortalidade ainda nos navios era absurda: historiadores estimam que as taxas variavam de 15% a 25% de negros.



A escravidão não influenciou apenas aspectos econômicos ao fazer do negro uma mercadoria, mas agravou desigualdades e o direito à liberdade.

O tratamento era brutal, com pessoas amontoadas embaixo do

convés. O calor era implacável e a falta de ar desesperadora, nem as velas que deveriam iluminar o local queimavam. *Se alguma suspeita de doença surgisse, centenas de africanos poderiam ser lançados ao mar para prevenir a contaminação de outros.*

Várias revoltas surgiram nesse ambiente infernal, e cerca de cinquenta motins ocorreram em navios negreiros entre 1699 e 1865. Em 1803, o povo igbo promoveu uma das revoltas mais dramáticas dessa história, que se tornou uma lenda e símbolo da revolução africana contra a escravidão.

Os igbo, conhecidos atualmente como nigerianos, são um dos grandes grupos étnicos da África. Cerâmicas encontradas apontam suas origens para mais de 2 mil anos a.C. Seu calendário, matemática e sistema de governo eram sofisticados, se aproximando de uma república democrática moderna.

A ESCRAVIDÃO OU A MORTE

Depois de sobreviver aos 8 mil quilômetros de viagem pelo mar para alcançar os Estados Unidos, 75 escravos foram comprados pelos escravagistas John Couper e Thomas Spalding, por cem dólares cada. Os negros foram acorrentados e colocados em uma embarcação menor para o transporte. Antes de alcançarem seu destino, libertaram-se e tomaram a pequena embarcação, afogando os seus raptos no rio. Entre os igbo, havia um sacerdote que guiava espiritualmente as orações do grupo. Ele sabia que seriam caçados e nunca retornariam para a sua África.

Porém, uma coisa que a viagem havia ensinado é que qualquer oportunidade de se libertar daquele suplício deveria ser aproveitada. Não existia nada pior do que estar sob o jugo daqueles homens e ter de reviver toda a crueldade pela qual passaram no navio. Então, os 75 africanos caminharam juntos para as águas pantanosas de Dunbar Creek, cometendo suicídio em massa. Esse episódio é conhecido por alguns como a primeira grande marcha pela liberdade na história da América.

Alguns foram resgatados, muitos desapareceram no rio. Inúmeras lendas, como a de que se eles entrassem no rio voltariam à África, foram cunhadas no imaginário dos negros que ainda almejavam sua liberdade. Assim, o rio recebe incontáveis visitas até hoje.

Vários artistas celebraram a memória dos igbo. Em 2016, Beyoncé retratou o desembarque no clipe da música *Love drought*. Da mesma maneira, *Pantera Negra*, de 2018, faz sua homenagem com a frase do personagem Killmonger no final do filme: “Enterre-me no oceano com meus ancestrais que saltaram de navios, porque eles sabiam que a morte era melhor que escravidão”.

Confira [AQUI](#) o clipe da música *Love drought*, de Beyoncé.



Capaz de reunir um grande número de negros na luta por liberdade, a rainha Nanny simboliza força e resistência até os dias atuais.

19

R

NANNY, A RAINHA-MÃE DA JAMAICA

ESCRAVOS INSURGENTES SEMPRE DEIXAM MARCAS,
HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA QUE PASSAM A QUEIMAR NO
CORAÇÃO DE OUTROS REBELDES. NA JAMAICA, UMA
MULHER AFRONTOU A ESCRAVIDÃO E LIBERTOU VÁRIOS
NEGROS PARA MANTER AS TRADIÇÕES AFRICANAS QUE
RESISTEM ATÉ HOJE. ELA FOI A RAINHA AXÂNTI NANNY.

Muito do que se conhece sobre essa mulher vem das tradições orais. Poucos historiadores registraram sua narrativa, mas é consenso que Nanny foi do povo axânti, na região que hoje localiza-se Gana. Ela nasceu em 1686, foi comprada e feita escrava ainda criança para trabalhar no cultivo de cana-de-açúcar, na Jamaica. Sabe-se que essa era uma das atividades com condições mais difíceis para um escravo. Só que ninguém dobra um africano facilmente, e Nanny resistiu.

Parte de sua resistência vinha das histórias que ouvia sobre outros escravos resilientes. Influenciados por elas, Nanny e seus quatro irmãos resolveram escrever a própria narrativa de liberdade. Reza a lenda que fugiram e criaram cada um uma vila de maroons, negros libertos. Com a ajuda de um irmão, Quao, Nanny fundou uma aldeia nas Montanhas Azuis, no leste da Jamaica, que ficou conhecida como Nanny Town. O caminho para se chegar lá era estreito e forçava os destacamentos britânicos a andarem em fila, tornando o trajeto muito difícil. Sofrendo poucas tentativas de ataque, a comunidade prosperou.

Liderando outros maroons, a rainha Nanny começou a atacar plantações na redondeza para resgatar negros que eram mantidos escravos pelos colonizadores. Ela não deixava barato, queimava a plantação inteira e assim libertou mais de mil africanos durante toda a sua vida.

Isso chamou a atenção dos britânicos, que mobilizaram seus exércitos em favor dos fazendeiros. Muitas incursões foram planejadas na

floresta para encontrar o quilombo da rainha Nanny. No auge de sua luta, em 1730, contam que seu povo estava passando fome e ela quase se entregou. Porém, em uma noite, as vozes de seus antepassados disseram-lhe para resistir. Ao acordar, ela achou sementes de abóbora nos bolsos, que plantou ao pé de um morro. Em uma semana, as sementes brotaram e se transformaram em enormes abóboras, salvando todos da morte.



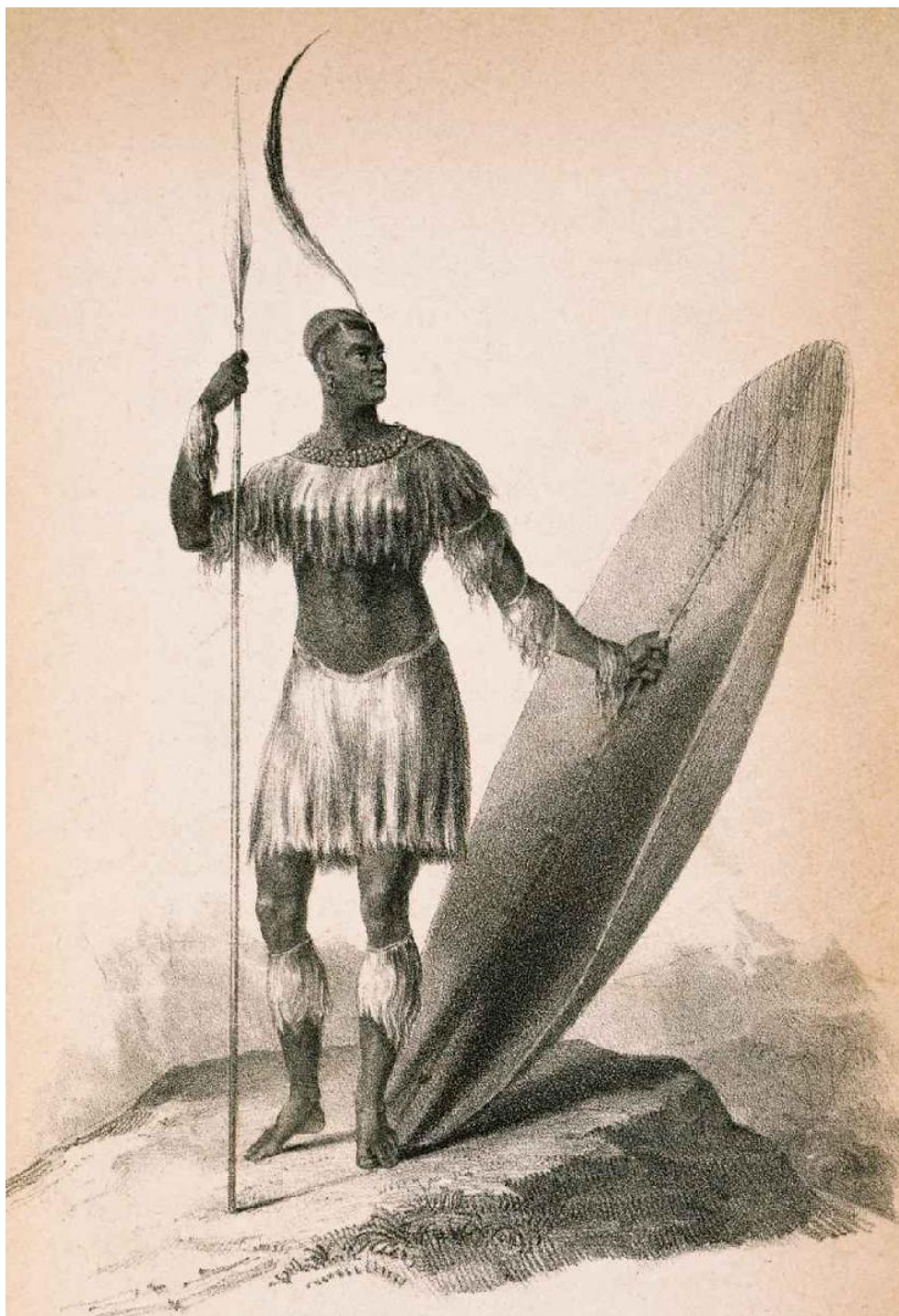
Nota de dólar jamaicano em homenagem à rainha Nanny, declarada em 1976 uma heroína de seu povo.

AS VÁRIAS LENDAS DE NANNY

Há várias lendas acerca de Nanny. Diziam que ela era praticante de Obeah – que, na cultura pop, foi retratada em uma das temporadas da série *Luke Cage* –, prática ancestral com rituais sincretizados, sem um sistema de divindades explícito, que utiliza ervas e veneno de sapos e serpentes em seu culto. Em outra lenda, que fala sobre sua luta, a rainha colocou um caldeirão de folhas que fervia mesmo sem haver fogo em um local estratégico da passagem para Nanny Town, de forma que vários soldados britânicos, curiosos, caíam dentro dele e nunca mais retornavam.

Em 1733, Nanny Town sofreu uma emboscada feita contra os maroons enquanto estavam dormindo. Nesse combate sangrento, a rainha morreu em batalha como uma verdadeira guerreira africana. Muitos sobreviventes migraram para Moore Town, um assentamento localizado próximo às Montanhas Azuis.

Em 1739, o governador da Jamaica assinou um tratado com os quilombolas, colocando fim aos enfrentamentos. Nanny é lembrada até hoje como uma das maiores líderes do país, a que foi capaz de reunir os negros jamaicanos para lutar por sua liberdade. O governo declarou a rainha Nanny uma heroína nacional em 1976. Ela também é homenageada nas notas de quinhentos dólares jamaicanos, comumente chamadas de “nanny”. Além disso, muitas pessoas no país a reconhecem como a Mãe da Nação.



Shaka Zulu, líder de um dos maiores grupos étnicos da África, os zulu, lutou bravamente contra as forças britânicas em defesa de seu reino.

20

Q

A IRA E O LEGADO DE SHAKA ZULU

DURANTE OS ATAQUES AO CONTINENTE AFRICANO,
BRITÂNICOS FORAM ASSOMBRADOS POR UM EXÉRCITO
DESTEMIDO, UMA FORÇA DE GUERRA QUE TEM SUA ORIGEM
EM 1820. QUANDO UM DOS MAIORES E MAIS RIGOROSOS
LÍDERES AFRICANOS MODIFICOU A FORMA DE LUTAR
DAQUELE POVO, O NOME DE UM HOMEM SE TORNOU UMA
LENDA: SHAKA ZULU.

“Zulu” é uma expressão que significa “chuva”. Os zulu constituem um dos grandes grupos étnicos da África, que se dividiam em vários clãs, cada um correspondendo a um reinado próprio, com um chefe principal. Oriundos do povo nguni, os zulu foram fundados pelo chefe Zulu kaMalandela após o antigo rei nguni morrer e o reino ser dividido entre os zulu e os qwabe.

Era muito comum que esse povo se deslocasse devido à escassez de recursos ou conflitos com outros grupos de regiões compartilhadas. Isso trazia certa dificuldade para o fortalecimento das comunidades, como era natural às culturas de caçadores-coletores na Antiguidade.

Certo dia, Sensangakhona, chefe do clã zulu, engravidou Nandi em uma relação fora do seu casamento – o que era considerado totalmente vergonhoso perante a sociedade. Ele negou a gravidez e espalhou a história de que Nandi estaria com um problema de intestino causado por um besouro chamado iShaka. Quando nasceu, o bebê recebeu o nome Shaka por causa do inseto.

Em razão disso, mãe e filho viveram uma vida repleta de humilhações e privações. Na tentativa de buscar algum refúgio, ambos foram viver com o clã Mtetwa, chefiado por Dingiswayo, o primeiro dos líderes zulus a tornar a vida civil subserviente ao treinamento militar.

A distância de Sensangakhona amenizou a humilhação que Shaka sofria. Ele começou a treinar para a guerra, mas sempre era visto como

inferior. Assim, sua indignação foi sendo alimentada, o que se tornou uma vantagem em combate.

Sua estatura avantajada, habilidade com armas e ousadia na batalha contra outros jovens guerreiros foram notadas por aqueles que zombavam de sua origem. Os chefes também perceberam um prodígio ali. Dessa forma, Shaka cresceu rápido nas tropas e atraiu a atenção do suserano local, passando a atuar em posições elevadas nas tropas do clã. O militarismo, então, formou a sua vida e o seu modo de pensar, já que a doutrina da guerra o fez crescer e ser respeitado.

UM NOVO REINO

Anos mais tarde, Senzangakhona faleceu e seu irmão o sucedeu no poder. Mas ninguém imaginava a fúria de Shaka: com o apoio de Dingiswayo, ele conseguiu executar um plano para matar seu tio e assumir a chefia do reino zulu em 1816.

Shaka inventou uma lança curta e de lâmina larga, a azagaia, que seria usada em confrontos corporais. Shaka dizia que “Um homem que luta no Exército Zulu torna-se um zulu como se tivesse nascido zulu”. Ele mudou totalmente a estrutura militar, criando novos regimentos chamados impis e impediu o uso de sandálias, para enrijecer a sola dos pés dos soldados e conferir mais velocidade para o exército.

Com os impis, armados de escudos e azagaias, Shaka reuniu as comunidades zulus por meio da submissão ou alinhamento de propósitos. Com isso, os chefes de outros clãs não poderiam questionar as suas ordens. Ele reorganizou toda a nação com base em sua experiência militar, implementando mudanças significativas.



Cerimônia de dança zulu, na África do Sul.

Todos, homens e mulheres, deveriam se alistar em regimentos militares, chamados de “amabuthos”. As mulheres mais velhas que ficavam

nas comunidades passariam a assumir as lideranças guiadas pelas tias do inkosi (rei) Shaka – era uma forma de recompensar o poder feminino que a mãe representou em sua vida. O sexo entre os amabuthos era punido com a morte, sendo apenas permitido quando os amabuthos femininos eram dissolvidos e as mulheres, oferecidas como esposas aos soldados.

Incorporando grupos rivais, o reino zulu atingiu cerca de 250 mil habitantes e, no ápice de sua força militar, contabilizaram 50 mil guerreiros.

Sem conhecer outra face que não a violência, o governo de Shaka foi intensificando a sua crueldade, até o falecimento de Nandi, sua mãe. Ela era a motivação para muitas de suas ações, por tudo que sofreram juntos, e ele queria que todos a reconhecessem como a Rainha-Mãe. Como forma de luto, Shaka mandou matar toda mulher que engravidasse naquele ano, 1827, junto de seu marido e todos aqueles que não demonstrassem tristeza pelo falecimento da rainha. A ação chegou ao número assustador de 7 mil assassinatos.

Os atos tirânicos de Shaka levaram a motins e tramas que culminaram com sua morte pelas mãos de seus meios-irmãos, Mhlangana e Dingane, que assumiram o trono.

Durante a sua chefia, Shaka se tornou a força que impedia o crescimento britânico. Sua dedicação militar resistiu às invasões de maneira exemplar e construiu o seu legado. Em 1879, aconteceu em Isandlwana o primeiro grande confronto entre os zulus e os britânicos. Os europeus usavam seus rifles, mas o líder zulu dizia: “No tempo de carregar suas armas, nós acabaremos com eles com nossas lanças”. Vinte mil guerreiros africanos acabaram com 1.800 europeus em 22 de janeiro. Esse episódio é conhecido como a pior derrota do Exército Britânico em solo africano.

No mesmo ano, britânicos atacaram Hlobane, perto da atual cidade de Vryheid, em KwaZulu-Natal, novamente resultando em uma vitória zulu. Os africanos perseguiram os sobreviventes por 19 quilômetros, e 15 oficiais e 110 soldados foram mortos. O terceiro encontro dos dois exércitos foi o ponto de virada na história, e os zulus sucumbiram na cidade de Kambula.

A força com a qual Shaka lutou para unificar seu povo deixou uma herança inestimável que sempre é evocada pelos que hoje habitam KwaZulu-Natal, a terra onde antes ficava o reino zulu. O legado de Shaka é a base que os une.

Sua imagem vai muito além da face brutal da guerra, o rei Shaka dos zulus foi um exímio estrategista de guerra e símbolo da unidade de seu povo. Mangosuthu Buthelezi, um dos maiores líderes negro da África do Sul e descendente da monarquia

zulu lembrou em entrevista que “os regimentos que ele criou conseguiram sistematicamente conquistar oponentes. Mas em vez de destruir aqueles a quem ele havia derrotado, o rei Shaka empregou a estratégia de integrá-los em uma estrutura social, reunindo um povo fragmentado para forjar uma nação unificada e poderosa”.

Todo ano, no dia 24 de setembro, os zulus celebram a memória do mais famoso chefe de seu povo. Enquanto eles continuarem contando suas histórias, o lendário Shaka continuará moldando a identidade daquelas pessoas.



BENGUELA.

As vozes das senzalas e fora delas nunca esqueceram seus verdadeiros heróis.



Mercado de negros (1835), de Johann Moritz Rugendas. Nesta litografia, escravos negros são expostos para serem analisados por seus compradores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Maciel de. *História dos quilombolas*: Benedito Meia-Légua. Memorial, 2007.
- ALTMAN, Max. 22 de janeiro de 1879: Nas mãos dos zulus, Império Britânico sofre sua maior derrota na África. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/22-de-janeiro-de-1879-nas-maos-dos-zulus-imperio-britanico-sofre-sua-maior-derrota-na-africa/>> Acesso em: 9 jan. 2019.
- BARROS, Leandro Gomes de. *Peleja de Romano e Inácio da Catingueira*, 1939. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=RuiCordel&pasta=Peleja%20de%20Romano%20e%20Inacio%20da%20Catingueira&pesq=>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- BOLETIM de Eugenia (RJ) – 1929 a 1932. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://bdigital.bn.br/acervo-digital/Boletim-de-Eugenia/159808>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- BUDGE, E. A. Wallis. *The Kebra Nagast*. Disponível em: <<https://www.sacred-texts.com/chr/ken/index.htm>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- DIWAN, Pietra. *Raça pura*: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.
- DUMAS, Alexandre. *Memórias de Garibaldi*. São Paulo: L&PM, 2000.
- EMICIDA. *Com vocês, Inácio da Catingueira*. Disponível em: <<http://emicida.com/2018/09/18/inacio-da-catingueira/>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- FERNANDES, Cláudio. O que é Iluminismo? Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-iluminismo.htm>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- _____. O reino de Axum. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/o-reino-axum.htm>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- GOTTlieb, Karla. *The mother of us all*: a history of Queen Nanny, leader of the windward Jamaican Maroons. Trenton: Africa World Press, 2000.
- HARARI, Yuval Noah. *Sapiens*: uma breve história da humanidade. São Paulo: L&PM, 2015.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da história*. Brasília: UnB, 1999.
- HENRY ARENAS, Valencia. Da Guiné-Bissau à Colômbia. Benkos Biohó, resistência e (é) palenque. Um caso da diáspora africana. CS, Cali, nº 16, ago. de 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S201103242015000200010&lng=pt&nrm=iso>.
- HOCHSCHILD, Adam. *King Leopold's ghost*: a story of greed, terror, and heroism in Colonial Africa. Boston: Mariner Books, 1999.
- JAMAICA Information Service. *Nanny of the maroons*. Disponível em: <<https://jis.gov.jm/information/heroes/nanny-of-the-maroons/>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- JUNG, Carl Gustav. *O inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. *Toques do griô*: memórias sobre contadores de histórias africanas. São Paulo: Melhoramentos, 2011.
- LOCK, Ron. *Zulu conquered*: The march of the Red Soldiers, 1822-1888. South Yorkshire: Frontline

- Books, 2010.
- MIRANDA, Noélia. *Zacimba Gaba, a princesa guerreira: a história que não te contaram*. Vitória: GSA, 2015.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *Benkos Biohó*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/benkos-bioho/>>. Acesso em: 9 jan 2019.
- NASSIF, Luis. O filme *Vênus Negra* e a pseudociência que apoiava o racismo. *Revista GGN*, 2013. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/blog/luisnassif/o-filme-venus-negra-e-a-pseudociencia-que-apoiava-o-racismo>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- NEWKIRK, Pamela. The man who was caged in a zoo. *The Guardian*, Londres, 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2015/jun/03/the-man-who-was-caged-in-a-zoo>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- O DRAGÃO do mar na história do Ceará. Dragão do Mar Centro de Arte e Cultura. Disponível em: <<http://www.dragaodomar.org.br/institucional/dragao-do-mar-na-historia-do-ceara>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- PARKINSON, Justin. The significance of Sarah Baartman. *BBC News Magazine*, 7 jan. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/magazine-35240987>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha. *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2008.
- SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SWIFT, Jackie. The curious history of slavery in Africa. Disponível em: <<https://research.cornell.edu/news-features/curious-history-slavery-west-africa>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- TEREZA de Benguela: a escrava que virou rainha e liderou um quilombo de negros e índios. Biblioteca do CECULT. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/220-tereza-de-benguela-a-escrava-que-vi-rou-rainha-e-liderou-um-quilombo-de-negros-e-indios>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Quem foi Virgínia Bicudo: mulher, negra e pioneira na psicanálise, mas invisível no Brasil. *HuffPost Brasil*: 16 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.huffpostbrasil.com/2017/04/16/quem-foi-virginia-bicudo-mulher-negra-e-pioneira-na-psicanalis-a-22041991/>>. Acesso em: 9 jan 2019.
- VILELA, Túlio. Astecas: religião e organização social no Império Asteca. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/astecas-religiao-e-organizacao-social-no-imperio-asteca.htm>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

PARA SABER MAIS SOBRE O LEGADO CULTURAL DOS AFRICANOS NA DIÁSPORA

DOCUMENTÁRIOS, FILMES E SÉRIES

- A 13ª Emenda*. Direção: Ava DuVernay. Estados Unidos: Netflix, 2016.
- Amistad*. Direção: Steven Spielberg. Estados Unidos: DreamWorks SKG, 1998.
- Cara gente branca*. Direção: Justin Simien. Estados Unidos: Netflix, 2017.
- Civilizações perdidas: África, uma história oculta*. Estados Unidos: Discovery Channel, 2012.
- Doze anos de escravidão*. Direção: Steve McQueen. Nova Orleans: Plan B Entertainment, 2013.
- Os reinos perdidos da África – vol. 2*. Direção: David Wilson. Londres: IWC Media Production para BBC, 2014.
- Raízes*. Estados Unidos: History Channel, 2016.
- The get down*. Direção: Baz Luhrmann e Stephen Adly Guirgis. Estados Unidos: Netflix, 2016.

LIVROS

- Coleção História Geral da África, UNESCO.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: uso e sentidos*. São Paulo: Autêntica, 2009.
- _____. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global, 2009.

ARTIGOS

- BISPO, Isis Carolina Garcia. A inquisição ibérica como instituição responsável pela cristalização do mito de pureza de sangue no corpo social da América portuguesa. In: Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/simposioinquisicao/wp-content/uploads/2012/01/%C3%8Dsis-Bispo.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- LOPES, Maria Margaret. O que visitar em Paris durante a Exposição Universal de 1878: um guia turístico para geólogos. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/2008/1517>>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- MONTEIRA, Domingas Henriques. A tradição oral nas sociedades africanas: contextualização das culturas Congo e Ovimbundu. Disponível em: <<http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/a-tradicao-oral-nas-sociedades-africanas-contextualizacao-das-culturas-kongo-e-ovimbundu/>>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- SANTOS, Ale. Os heróis desconhecidos da escravidão. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/especiais/os-herois-desconhecidos-da-escravidao/>>.

CRÉDITO DAS IMAGENS

[© The New York Public Library](#)
[© Louis Claude Desausles Freycinet/Biblioteca Nacional](#)
[© Jean-Baptiste Debret/Museus Castro Maya](#)
[© Gaensly e M. Lindermann/Domínio Público](#)
[© Johann Moritz Rugendas/Biblioteca Nacional](#)
[© Johann Moritz Rugendas/Museus Castro Maya](#)
[© Victor Frond/Biblioteca Nacional](#)
[© Augusto Stahl/Instituto Moreira Salles](#)
[© John Mawe/Library of Congress](#)
[© Christiano Júnior/Museu Histórico Nacional](#)
[© Angelo Agostini/Fundação Casa de Rui Barbosa](#)
[© Jean-Baptiste Debret/Museus Castro Maya](#)
[© Jacques Arago/Museu Afro Brasil](#)
[© Jean-Baptiste Debret/Museus Castro Maya](#)
[© Marc Ferrez/Instituto Moreira Salles](#)
[© Paul D Stewart/Science Photo Library/Fotoarena](#)
[© Henning Christoph/ullsteinbild/Getty Images](#)
[© Universal History Archive/Universal Images Group/Getty Images](#)
[© Jacob van der Schley/Musée de la Compagnie des Indes](#)
[© Charles Cordier/Victoria and Albert Museum, © Museu Nacional](#)
[© Antonio Parreiras/Museu Antonio Parreiras](#)
[© kosmel bonfante/CC BY 3.0](#)
[© Johann Moritz Rugendas/Biblioteca Nacional](#)
[© Jean-Baptiste Debret/Biblioteca Nacional](#)
[© Félix Vallotton/akg-images/Fotoarena](#)
[© Johann Moritz Rugendas/Biblioteca Nacional](#)
[© Angelo Agostini/Domínio Público](#)
[© Library of Congress](#)
[© Bridgeman Images/Fotoarena](#)
[© Laemmert/Biblioteca Nacional](#)
[© Rubens Chaves/Pulsar Imagens](#)
[© The University of Edinburgh](#)
[© Library of Congress](#)
[© Alamy/Fotoarena](#)
[© Chris Walter/WireImage/Getty Images](#)
[© Library of Congress](#)
[© Juan Manuel Blanes/Domínio Público](#)

[© Jean-Baptiste Debret/Museus Castro Maya](#)
[© Johann Moritz Rugendas/Biblioteca Nacional](#)
[© Johann Moritz Rugendas/Museus Castro Maya](#)
[© Library of Congress](#)
[© Johan10/Getty Images](#)
[© DeAgostini/Getty Images](#)
[© British Library/Fotoarena](#)
[© Retlaw Snellac Photography/CC BY 2.0](#)
[© Johann Moritz Rugendas/Museus Castro Maya](#)
[© Johann Moritz Rugendas/Biblioteca Nacional](#)

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS

a Alessandro Augusto de Melo Andrade, Alex dos Santos Silva, Anderson Lemes dos Santos, Bruno Rodrigues da Silva, Carlos Emanuel Lago Peixoto, Denise Tremura, Elisa Algayer Casagrande, Frederico Benevides, Gabriela Gonzalez Pinto, Gigli Testoni, Guilherme Capilé, Jaqueline Pereira da Silva, Jayder Roger, Júlia de Albuquerque Pacheco, Leonardo Garcia, Leoni Siqueira, Luiz Teixeira, Mariana Luísa da Costa Lage, Martha Terenzzo, Mateus Santos, Oldair Sena de Jesus, Paulo Guilherme de Miranda, Renato Rodrigues Quintiliano Pinto, Rodrigo Mayer, Rogério Araújo, Talytta e Lucas, Thiago Moreira Romualdo e Tiago Gebrim.

O AUTOR



ALE SANTOS

Sou autor, pesquisador e mídia ativista de cultura afro-americana com formação em comunicação (publicidade e propaganda). Mantenho uma coluna quinzenal na Vice Brasil, escrevo para o site Muito Interessante, já colaborei com The Intercept Brasil e também com a revista *Superinteressante*. Em 2013, representei o Brasil na The Tomorrow Project Anthology com um conto de ficção científica e sou reconhecido pelas *threads* com narrativas afrocentradas que já alcançaram milhões de visualizações no Twitter. No mercado empresarial, atuo como consultor de games, *branded content* e *storytelling*, e com projetos em parceria com a empresa HSM, com o Hospital das Clínicas (São Paulo) e com o Instituto IT Mídia.

© Ale Santos

Diretor editorial

Marcelo Duarte

Diretora comercial

Patth Pachas

Diretora de projetos especiais

Tatiana Fulas

Coordenadora editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial

Olívia Tavares

Capa e projeto gráfico do livro impresso

Gustavo Piqueira e Samia Jacintho / Casa Rex

Pesquisa iconográfica

Denise Durand Kremer

Ilustrações de abertura dos capítulos 3, 5, 7, 10, 16, 17

Cristiano Siqueira

Preparação

Isadora Attab

Revisão

Beatriz de Freitas Moreira

Diagramação para e-book

Elis Nunes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Carvalho, Ana Carolina

Santos, Ale Rastros de resistência: histórias de luta e liberdade do povo negro/Ale Santos. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2020.

e-ISBN: 978-65-5697-076-9

1. Negros – História. 2. Negros – Condições sociais. 3. Negros – Identidade étnica. I.Título. Bibliotecária: Meri Gleice R. de Souza – CRB-7/6439

19-56511

CDD: 305.896067

CDU: 316.347(6)

2020

Todos os direitos reservados à Panda Educação.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

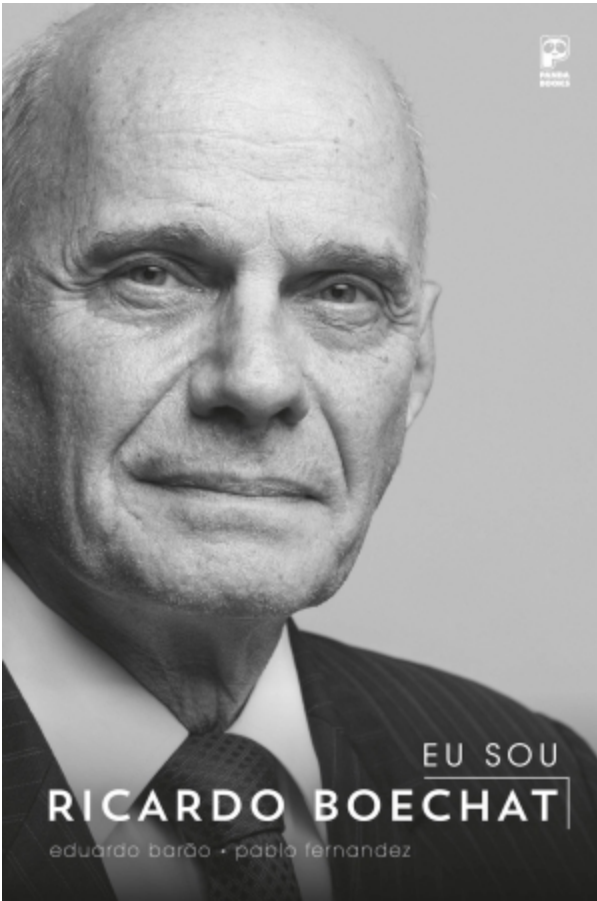
edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso [Facebook](#), [Instagram](#) e [Twitter](#).

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

RESIS
ÈNCIA
ISTÈN
NCIAR
ESIST
NCIAD



EU SOU

RICARDO BOECHAT

eduardo barão • pablo fernandez

Eu sou Ricardo Boechat

Barão, Eduardo

9788578887476

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ricardo Boechat lamentava ter descoberto o rádio tão tarde. Começou no jornalismo impresso em 1971 e estreou na TV em 1996. O rádio só entrou na vida dele em 2006 e virou rapidamente sua grande paixão. Em 13 anos à frente do microfone da BandNews FM, Boechat se tornou um dos mais ácidos, eloquentes, bem-humorados e populares apresentadores do país. Valorizava como poucos a interação com o ouvinte, a ponto de dizer no ar o número particular de seu telefone celular. Dois de seus mais próximos colegas, Eduardo Barão e Pablo Fernandez, trazem agora cem histórias que mostram o ser humano dedicado e o profissional exigente que ele foi com um só propósito: manter vivo o legado desse gigante do jornalismo.

[Compre agora e leia](#)

Bruna Surfistinha

O DOCE VENENO DO ESCORPIÃO

O diário de uma garota de programa



O doce veneno do escorpião

Surfistinha, Bruna

9788578881221

172 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesta obra, você conhecerá detalhes reveladores da menina de classe média alta que trocou os fins de semana com a família no Guarujá para se prostituir aos 17 anos, tornando-se famosa pelas histórias contadas em seu blog. O doce veneno do escorpião, publicado em mais de quarenta países, traz ainda um diário secretíssimo de Bruna Surfistinha, com as histórias mais ousadas que ela não teve coragem de publicar em seu blog. Com 36 páginas negras, o diário vem lacrado. Bruna também oferece dicas simples às mulheres sobre como conquistar um homem - e jamais perdê-lo para uma garota de programa.

[Compre agora e leia](#)



Segredos da comédia stand-up

Lins, Léo

9788578883751

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Qualquer um pode escrever uma piada? O que é preciso para se tornar um bom comediante stand-up? Neste livro, Léo Lins revela os segredos da construção de uma boa piada, como desenvolver a escrita, quais as técnicas para fazer o público rir, como entreter a plateia, como manter a performance em palco e discute, inclusive, o mercado de trabalho dos humoristas. Uma obra indispensável para quem quer começar a carreira ou melhorar seu desempenho profissional na área do humor.

[Compre agora e leia](#)

EDIÇÃO DEFINITIVA

O QUE
PODEMOS
APRENDER
ALEXANDRE
RANGEL COM OS
GANSOS

editora
Original

As clássicas lições de cooperação, liderança e
motivação de *O que podemos aprender com os
gansos* volumes 1 e 2 reunidas num só livro

O que podemos aprender com os gansos

Rangel, Alexandre

9788562900150

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

O segredo da qualidade de vida e do sucesso profissional muitas vezes está nos detalhes mais simples do dia a dia. Por meio de parábolas, fábulas e diversas histórias, Alexandre Rangel nos leva à reflexão de valores como humildade, respeito, generosidade e prudência, para melhorar a comunicação e nos ajudar a alcançar o equilíbrio do bem-estar físico e mental. Em formato pocket para ser mantido sempre por perto, a obra reúne em edição definitiva mais de 250 lições de cooperação, liderança e motivação dos livros O que podemos aprender com os gansos, volumes 1 e 2, que juntos venderam mais de 185 mil exemplares e se tornaram best sellers do mundo corporativo.

[Compre agora e leia](#)

LUCIANA BENATTI
MARCELO MIN

PARTO *com* AMOR

Em casa, com parteira, na água, no hospital.
Histórias de nove mulheres que vivenciaram
o parto humanizado.



Parto com amor

Benatti, Luciana

9788578884529

228 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro reúne histórias de mulheres para mulheres. Revela a trajetória percorrida por nove mães - entre elas, a autora - para conquistar o parto desejado. Seus medos, fraquezas e dificuldades estão aqui expostos da mesma maneira simples e sincera com que suas alegrias e vitórias são compartilhadas. O instante do nascimento, as horas que o antecederam e os primeiros momentos de vida do bebê são eternizados em fotos que transbordam emoção.

[Compre agora e leia](#)